

SILVA CARVALHO

NEM POR ISSO

PORÉTICA EDITORA



SILVA CARVALHO

NEM POR ISSO

PORÉTICA EDITORA

NÃO É O QUE PARECE SER

Parece que a vida se transforma num movimento altamente inexaurível, estar vivo levanta a percepção do redor a uma iminente meditação, ser-se-á capaz de sentir, ou mesmo de pensar, o que vai acontecendo? Num dentro de quem se é haverá talvez a consciência de que não há dentro, o corpo feito de carne, e sangue que circula em veias e artérias distinguidas pela ciência. E de ossos, esse esboço de uma arquitectura invisível expulsando-nos para um fora que é terra e tudo o mais. Um ser humano tanto pode ser homem como mulher, é ver as populações do mundo em derivas da tarefa, só a velhice escapa à confusão de passos e de gestos que exploram o que explode como a realidade, do real poucos saberão falar porque é um mudo desconhecido. Poder-se-á, pois, escrever numa meditação insulada qualquer coisa que faça sentido? Que acoite o pensar na sua ilusão de transportar ideias que testemunham o que vai acontecendo? Ignora-se o que se está a sentir. O que poderá ser agora uma opinião sobre qualquer coisa. E, no entanto, vive-se nessa ignorância insonte como se nada fosse, embora alguma coisa seja no que é. Às vezes surge na consciência experiências inolvidáveis, razões de ser que nos deixam boquiabertos, suspeitas de que a possibilidade não tem sido possível porque, porque... Perde-se o raciocínio. Aporias existem soltas em toda a parte, não conseguir deslindar um caminho tanto pode trazer felicidade como tristeza, agora a perda foi acutilante, desvirtuou a acuidade que intentava fazer de um problema uma abertura, uma tauria na limitação da inteligência sensível. Levanta-se quem não se ignora e vai até à janela. O que vê? Será a terra ou o mundo? Pessoas passam numa perpétua andança, a pergunta é quase uma blasfémia: Será que vivem? Vivem, é certo.

25/8/2022

SEJA O QUE FOR

Guerras imperecíveis deslocam a sensibilidade para sentidos de uma outra dor, ver esses buracos num chão da terra inocente, essas casas esventradas em apogeus de cataclismos fáceis, dificulta uma existência votada ao desejo nem sempre implícito do prazer. Felizmente agora o longe distancia quem sente, a verdade é aqui uma evidência que nem precisa de olhos para ver. Estou a compreender? Tudo foge do centro onde nos disseram que havia uma sacralização da humanidade, que humanidade é esta? Os interesses e as políticas determinam o destino e a sorte do planeta, haverá ainda um mundo onde se possa pacificamente viver? As árvores que deram os seus frutos são mais humanas que a natureza das sociedades vigentes, passear na sua sombra é quase uma panaceia hiulca, alguma vez uma bomba apocalíptica será capaz de diluir uma maldade tantas vezes histórica? Quando haverá homens? Quando haverá um mundo? Não me faço compreender. Compreendo a voz dos que clamam choros desorganizados? Sentirei o sofrimento humano de quem, como eu, também não compreende ao certo o que lhe está a acontecer, os tectos deflagrados, o quarto de dormir investido de uma destruição soturna, a cozinha esventrada numa desolação improfícua? Seja o que for, uma guerra não faz parte da inteligência amíntica, querer conquistar um passado é delírio de loucos, o tempo zeloso dos seus preconceitos não permite o regresso a um foi, nada mais há que o presente, ser do ser a contemporaneidade de uma outra coisa.

26/8/2022

SUOR DO TÉDIO

Manhã relativamente cedo, Sintra
debaixo desta morrinha quase viscosa,
a temperatura deixou de ser de agosto.
Fim de semana, sábado, à vista,
a família, filha, genro e neta, virão
a casa. Vai ser bom vê-los. Este texto
parece outra coisa, deixo essa coisa
a quem não o souber ler. Leio,
tenho lido, nos últimos tempos, ensaios
sobre Baudelaire, afinal não me pensei
o poeta quando aos dezasseis anos,
sabe-se lá com que dinheiro, comprei
uma traduzida biografia da figura
que ele foi? Afinal no meu primeiro
livro publicado não lhe impingi
um tédio no seu título adolescente?
Acrescentando a minha marca,
esse suor, essa palavra que, segundo
um comentador estudioso, nunca
entrara na poesia portuguesa. Também
nunca entrei, verdade, na história
da recente poesia portuguesa. Devo
acrescentar, e com razão. Só os poetas
escrevem poesia, e eu não era um poeta,
tenho sido apenas um homem preso
à sedução e ao fascínio das palavras,
ensaando escritas terapêuticas
na tentativa de me libertar do ansioso
sofrimento que me afligiu ao longo
de uma já longa vida. Mas tudo
é relativo. Esse longo sugere tanta
coisa e aponta para tanta realidade
que o seu emprego aflora o obsceno.

27/8/2022

OBSCENIDADE EXPLÍCITA

E é pena. Mas o erro é a errância
em que me vejo envolvido, caminhar
todos os dias onde não há a metodologia
de um caminho, o hábito não sendo
uma coisa fixa, antes um mais ou menos
que não evita o assombro de sentir
que é vida a vida que ainda alicerça
certas evidências concutidas pelo olhar
que lanço ao redor. O redor é mundo,
é terra, é o culminar das gentes
que evoluem sem grande progresso
pelos meandros da sociedade política.
Afinal sou de aqui. Embora, se aceitar
a ideia de pátria, o que me causa
talvez indevidos engulhos, por razões
extemporâneas a este momento,
se pátria tenho, mortos os meus pais,
fica em Vila do Conde. Portugal
nada mais é do que o lugar propício
em que nasci. Não muito longe
do oceano, pertíssimo do rio fluindo
quase como um consabido símbolo.
Que aborreço. Mil vezes a crueldade
do real, a realidade de um casto
diálogo, mesmo se de surdos. A ilusão
não me atrai nem me consola, mola
ideológica e existencial para infinitas
pessoas que se convencem, áridas
de uma fome monstruosa, da evidência
de um sentido. Para tudo o que é,
para tudo o que acontece no perímetro
nem sempre salubre das suas sáfaras
inteligências. Mas nenhum sentido muda.

27/8/2022

AS COISAS

Com um clangor injustificável ele percebe muito vagamente que a realidade assumida nos últimos tempos deixou de ter em conta a relação com o real, um resquício de alma, logo, de inexistência, procura inserir-se luz no que honestamente não acredita, que fazer? Passar pelos dias como se não fosse possível passarem a acontecimentos sensações ávidas e percepção periclitantes, pensa ele, fingir, fazer de conta que tudo é possível, sobretudo a impossibilidade, para que uma harmonia possa irromper dolorosa e um pouco infeliz na consciência de si e do que o rodeia alvo de um tudo a que chama mundo, ignorante da forma que uma língua poderia certamente assumir na conglomeração de uns apogeu. Aposto muitas vezes que tresvaria, as coisas já não se coisificam como outrora, ideários são manifestações cenosas de incapacidades onde o capricho campeia, ou mesmo, já agora, o irresolúvel de uma vida. Mas a pergunta jaz como sempre nos seus lábios, que fazer?, voz vinda de um onde indefinido, acme da carne que não se isenta de ser corpo, ainda por cima de homem velho. A senescência é um termo sem termo, ele não bispa diante de si um sol que fosse solúvel e original, uma fonte capaz de uma juventude perpétua ou mesmo eterna, ele consente o que sente porque não pode agir de outra maneira, afinal as experiências são nada mais que uma efectivação dos mesmos menos, se as dicotomias ainda subsistem vivas nos meandros avulsos da contemporaneidade.

30/8/2022

ENGINE OF HELL

A Emma (Ruth Rundle) deixa-me muitas vezes suspenso num sinónimo de mim, incapaz de alinhar uma corrente da consciência que me abeira minimamente da impressão que tive do passado passado já há tanto tempo. Escusado será dizer, esse passado é um futuro, o futuro presentificando-se como se o tempo soubesse o que está a fazer. Não sabe. Mas como decorre impassível e arbitrário nada mais resta à música que soar nos seus escaninhos mais íntimos pelas vias do desconhecido, esse “unknown” que em inglês é mais do que parece ser o jeito da sua tradução portuguesa. Há nesse vocábulo uma dimensão que nos aborda no que transborda como mistério e até enigma, se, e há sempre um se condicional, se essas palavras ainda dizem ou podem significar alguma coisa. Mas o importante é o piano da Emma entrelaçando-se na sua voz, sobretudo agora que a tarde vai no seu sol imanente transfigurando-se em tons de um setembro que sempre me pôs a sensibilidade em estado de pânico, ou pelo menos de desastre mais ou menos ontológico, o quer que isso queira dizer. Mas há nesta música um sorvo íntimo, não verdadeiramente uma intimidade amíntica, mas mesmo assim qualquer coisa que faz sobressaltar a iminência de um desejo sem objecto nem sujeito, uma apetência inviolável, uma quase dança como nesta canção que estou agora a ouvir, “dancing man”, que obviamente não sou eu, a Emma não me conhece, eu não me conheço, ninguém se conhece, apesar de muita gente pensar que sim. Sim, porque o inferno para Emma entra-me no corpo com a agradável sintonia de uma ingente harmonia.

30/8/2022

TOPAZ

Com Israel Nash é como se o tivesse conhecido nos anos sessenta, começo de setenta, num mundo onde os sons surdiam quase hipotéticos delírios de uma vontade de alcançar o inatingível silêncio no oco da sensibilidade então ainda revolucionária. América, minha anterioridade, berço da sorte vária que tingiu um não-destino de uma obsessão afável, a hiulca deiscência para uma decência existencial como nunca a conhecera nas plagas do nascimento. Ocidental, está-se a ver. A guitarra quando alçada a porética senda envia-nos para desvios do auge, cortes transformando-se em clivagens do sonoro sonho que sobreviveu à época sempre capitalista. Tudo isso vivido no corpo, na sua dança carinhosa, no seu festejo sem real finalidade. O escopo copo de vinho até se ficar numa meia efusão do deleite, voando e divagando e pervagando nesse gerúndio que poderia continuar até ao infinito. Infinito? Há quem escreva asneiras abissais, sou desses, elo edaz entre gerações que nunca foram, em mundos férteis de acontecimentos que ultrapassam a descoberta de uma contingência incapaz de dar conta da razão que preside à aventura: viver. Israel Nash, amigo, não penses que te esqueci, é a música deste álbum, Topaz, que me acompanha nos anseios da escrita um pouco aflita com a sua falta de maleabilidade, faz-se o que se pode, pode-se pouco, sei, saberão todos os homens e as mulheres que habitam zelosos o planeta Terra? Que raio de nome. Terra. Repito, terra, e sinto que estou a deturpar um sentido capaz, que não consigo dar do sentido um sentido pessoal, mais íntimo. Pena. Cantas sobre o estado de Indiana, por lá andei. Se soubesses os lugares onde julguei ser!

30/8/2022

Delicia-se dolorosamente com os gestos musicais de Immanuel Wilkins, Joey Alexander, Marquis Hill, Mary Halvorson, Robert Glasper, cada um deles glotorando glosas da contemporaneidade abrasiva onde se vive tão mal que bem, se a inversão ainda for uma capacidade da expressão discursiva não só poética como porética. Vive, ele, a manhã no seu cedo, que são as dez horas em tempo que nem sequer é de férias, a reforma transformada em pensão até que a morte sobrevenha? Haja dinheiro no país pobre. Haja políticas minimamente humanas. Nunca se sabe o que o dia de amanhã poderá trazer às convulsões elípticas das sociedades modernas, este adjectivo um activo atrevimento da disponibilidade lúgubre onde se investem as teorias como as práticas fracas. De hoje como de ontem. Há passados recentes em todas as experiências da experiência, tradução e evidência não é só o título de um livro exarado pelo desejo de uma reforma que fosse plausível, talvez entre o logo de um inalcançável logos oculto e o presente se possa abrir caminho para um futuro pragmático, talvez a fome e a guerra não tenham que ser entidades eternas, afinal o que é o homem, poucos sabem, muitos ignoram, a vida decorre em tarefas que são trabalhos e actividades, acções onde realmente não se age, antes se obedece felizes ou infelizes a um padrão estagnado. Belladonna, o álbum de Mary Halvorson, que ele ouve no prazer de uma alegria matinal, exemplifica muito bem o que poderia ser a vida das pessoas, música breve mas succulenta, plena de peripécias emancipadoras, enfim, uma utopia exequível, a felicidade epulótica transpondo a arbitrariedade da contingência histórica.

31/8/2022

ECOS ECOLÓGICOS

Ouço num desplante extrafísico, de Matthew Shipp,
o seu recente World Construct, e fico sonhador
a imaginar o que será esse mundo e essa traduzida
construção. Do que se fala quando se fala de mundo?
Fico-me sempre, cauteloso, pela intenção latina
de que o mundo é a terra emundada, limpa da floresta
para depois poder ser cultivada. Desde cedo
a humanidade começou a destruir a prístina terra,
não é de hoje a devastação e a pestilência da poluição.
Embora então limpa, munda. O mundo passou
pelo tempo, esses séculos de calendários eruditos,
como as gerações que não existem, hoje diz-se crime
sem punição ao que se desfaz e refaz desse mundo.
Mas, medito, não se tratará da natureza quando
digo mundo? O que será a natureza? Olho pela portada
desta casa campestre e vejo vegetação, as árvores
onde me perco de tempo e de cuidados, o bosque
de pinheiros mansos mesmo ao lado, de um vizinho
que não conheço, pois nunca o vi passeando
à sombra resinosa da sua propriedade abandonada
às leis do nada, esse nulo estremecimento, haver
como uma decisão o que é ignorado pela imprópria
designação de dono. O latim continua a ser língua viva
para os que se arrogam uma sensibilidade sibilina,
será o meu caso? Ouço desprendido de mim
a música que, no exacto momento em que se erige
de som, desaparece na destruição da sua construção,
a passagem, a progressão, estarei a ser poluído
pelo engodo sonoro? Ou esta música grávida de ecos
será a outra face da poluição nocturna? Há muito
que não a revejo na minha experiência de homem,
envelheci no corpo que me desloca em ávidas
ecologias perdidas em devaneio assaz etimológico.

1/9/2022

A CRISE PERICLITANTE

Setembro, abeiro-me dos cachos de uva
que pendem da latada e engulo bago a bago
esse sumarento açúcar que até, para ser sincero,
me deteriora. É, pelo menos, o que diz,
actualmente, a medicina. Mas, e o prazer,
deglutir essa fruta em faustos desmesurados,
terá que ser banido para que a saúde nos saúda
com mais alguns anos de vida? A vida
deixa muito a desejar. Daí, sobretudo agora,
neste preciso momento, se fale tando de custo
de vida. Realmente! A referência é cruel,
o mundo passa por dificuldades, populações
sofrem com, como dizem, o aumento
do custo de vida, onde está o acme do real
problema, no custo ou na vida? Vida e custo
não fazem uma boa parelha, parece. Há,
como sempre aparentemente houve, questões
incapazes de respostas definitivas, são
quase sempre sazonais, periódicas, acertos
com o que vai pelo mundo. Televisivas
vozes de comentadores explicam as causas
e os efeitos, a preocupação ocupa, acesa,
a actualidade do dia. Os bens essenciais são
a matéria de políticas, o cabaz de compras
do consumidor ocidental periclitante,
as pessoas queixam-se, a fome não é, afinal,
só apanágio de certas regiões do globo,
que é isso de inflação, perguntam, como eu,
os ignorantes. A economia é um tratado
de física humana, estuda-se nas universidades
mais universais, razão plausível para comer
mais umas uvas. A latada está carregada
de abundância, indiferente a qualquer crise.

1/9/2022

A IMPERFEIÇÃO DO SOL

O crepitar do sol solta-me para independências
da emoção desvairada, são quase incidências
de atmosferas que nunca foram vividas outrora
quando a vida era um deslize de hora a hora
transformando-se por vezes em dias inexpressivos,
inexplicáveis manifestações dos jogos impressivos
onde tentava colmatar vazios de nada, essas falas
outorgadas pela angústia de imprevistas salas
onde a metáfora construía uma casa, um abrigo
que me pudesse proteger das afrontas do perigo
sempre iminente, monstro invertido de lapsos
tentando passar por ineficazes imagens de ilapsos.
O sol desta tarde ventosa aventura-se a desdizer
o que foi dito e redito em escritas de um prazer
que nunca foi investigado pela ciência coetânea,
antes se comprazia em me reter numa instantânea
indefinição de mim mesmo, esse letal alguém
onde sucumbi sem saber se por mal se por bem.
Mas o que poderia fazer na emergência do mal
que sempre me apareceu como uma arma letal
procurando o privilégio de uma atenção sensível?
Desfiz-me em preocupações da tensão inteligível,
passei por regiões do delírio, havia sempre a voz
que de longe me chamava, vem, vem, vem veloz
apagar-te na sensação vaga de um tudo confuso,
e sem saber o que fazer achei em mim o intruso
de um mundo que não significava nada para mim,
que ninguém ousaria desafiar o inescapável fim?
Introduzi ilusões na pele do sol, fiz da vil aporia
o muro a destruir, destruí-me sem que a sabedoria
fosse alcançada num inefável e indelével alcance,
arranquei ao corpo as palavras do zeloso lance:
Fluí na imperfeição como um edaz inacabamento.

1/9/2022

A CONFUSÃO CIRCUNDANTE

Desconfia que uma certa alegria possa advir
por vezes uma corrupta melancolia, mas que fazer
para evitar o mal de um desfloramento adictício?
Ver o que o rodeia é, bem certo, uma carícia,
haver sempre qualquer coisa ou alguém no haver,
esse imponderável fora instigando-o a ser elo
para um dentro que não existe no seu pensamento,
nem na indecisão de si enquanto homem breve.
Falha o falhanço no alcance em que se arroga,
vestígio de quê o sentimento de um agora, agora
que a vida decorre como uma fogueira ingente
devastando o amor, a amizade, o deslumbramento?
Ele não tem tempo para saber ou ignorar. A vida
não se atreve a ser um problema, menos ainda
um poema, a vida é uma cacofonia irreparável,
intromete-se em cada atitude e em cada gesto,
muda fala onde tudo muda a todo o momento,
eco de abreviaturas selvagens, apelos de corpos
que perderam as suas peles, carnagem dorida
de imprecisões históricas. O que foi que passou
por ele que o fez dançar numa reviravolta louca,
que vento, que brisa, que resfolegar do futuro
que não se importa com a presença do presente?
A música da terra entregue à humanidade feroz
introdu-lo num clima de pesaroso pessimismo,
que vai ser de amanhã, pergunta ao inacontecido
real, que manifestações do mal ainda a viver?
São ralhos displicentes o que ouve na acalmia
da paisagem, esse é o horizonte?, questiona ele,
um sujeito sujeito a todos os percalços do acaso
como do azar, interdito na sua existência, grito
de uma menos que solidão, o cariz metafísico
derrotado depois da ascensão da liberal altivez.

1/9/2022

O NADA É TUDO

Nunca, quando uma pessoa está irritada, como estou eu agora, se deveria pôr a escrever nonadas enclíticas, mas tinha-me prometido alinhar hoje de manhã um texto que desse conta do nada que é tudo, salvo um mito, e é o que estou a fazer. A tentar fazer. Que há para ser meditado com palavras mais ou menos honestas e que não me envergonhem na sua leitura também mais ou menos futura? Não sei. Não tenho nada a dizer. Embora acabe de o dizer, talvez contradizendo o esboço do raciocínio que procurava para poder prosseguir nesta aventura por demais porética. Às vezes uma pessoa sente-se no direito de ser estúpida, de blasfemar as obscenidades mais relutantes, presa a obsessões que não podem alimentar uma consciência. Estarei finalmente a dizer alguma coisa? Qualquer coisa existe sempre no que não me atrevo de chamar pensamento, a corrente de consciência não advém filosofia só por ser corrente, só por ser consciência, embora muita gente, alguns intelectuais, pensem que sim. Sempre achei engraçada esta constatação: Portugal, em certo sentido, ainda bastante católico, logo, religioso, escolheu o verbo pensar para emitir opiniões, quando, na realidade, e todos o sabem, nunca tivesse havido no país um filósofo. A França, febricitante de filósofos desde quase sempre, mas, sobretudo hoje, pouco dada ao catolicismo, em vez de usar o verbo pensar para deduzir uma opinião, serve-se do religioso crer. «Je crois que» é traduzido em português, avisadamente, por “Penso que”, e etc. Cada língua escolhe, está-se a ver, as suas próprias ilusões. É a liberdade dos vastos povos na ingerência de patrimónios culturais e históricos. Nunca soube pensar. Mas utilizo, sem subtis remorsos, o termo pensamento como se nada fosse. O nada é tudo.

6/9/2022

NÃO É FÁCIL SER-SE DIFÍCIL

Não estou contente com o que escrevi há pouco. Há, cada vez mais, pouco de mim no que escrevo com um denodo que me brasa por ser incoativo. Tenho já idade para ter juízo. Esta frase, contudo, não é minha, pedi-a emprestada à cultura, para não dizer que irrompeu neste intraduzível livro onde manifestamente, às vezes, não sou eu, como sujeito, que fico escrito no que escrevo. A facilidade fere tantas vezes a sensibilidade que ainda acalento, sem saber porquê, já que o mundo onde se vive não favorece estados de corpo (outros continuam a dizer, de alma) sensíveis aos acontecimentos sociais e políticos e existenciais que vão brotando na mesmice contemporânea. A felicidade parece que foi posta em questão por ideologias não só abrangentemente culturais como especificamente económicas, estéticas e mesmo filosóficas. Que é ser-se feliz?, perguntam os argutos da liberdade desprendida, sorrindo da imbecilidade de todos aqueles que ainda acreditam na existência, mesmo se difícil, da felicidade. Não é fácil ser-se difícil. Disparado o disparate afirmo que fui mesmo eu que ejaculei essa joia que nada deve à cultura não só ocidental como planetária, às vezes escrever introduz-nos numa dimensão ignota, pressentimos possibilidades onde parece que elas não existem, outros mundos que, muito humildemente, dizemos que poderão ou poderiam ser do futuro, se o desejo e a vontade fossem unânimes, ou quase. Sempre há interesses refugiando-se no pessimismo, figura interesseira dos períodos históricos da civilização. Confesso, ignoro o que quer dizer este muito usado vocábulo. Mas deixo-o assim, pleno e intraduzido.

6/9/2022

A VERTIGEM DA INEXISTÊNCIA

Leio estarecido algumas páginas
do volume AS ESTAÇÕES como se não fosse
possível haver uma leitura mais aturdida
pela vivacidade inventiva de um discurso ávido
de percorrer os deslizos poréticos
da vibratibilidade que aí prorrompe quase
inefável. Toda uma emoção se alonga em espanto
e algum maravilhamento, como foi possível,
como consegui abranger em algumas
palavras tanta condição que se quer humana?
Mil novecentos e noventa e seis
foi um ano como os outros, que atrevimento
me levou a solicitar ao tempo livros
intitulados Evidência e Tradução,
A Desfundamentação, O Problema? Que lugar
da terra abrigou esses porismas indelévels,
que inspiração (ao contrário e inversa)
colidiu com o aparecimento de títulos afixos
na realidade da experiência como entidades
aluviais, atmosféricas, diluvianas,
tais como, Ouvir É Sentir No Corpo O Mundo,
De Errância Em Imanência, ou esse carnal
No Absoluto Nuto De Uma Eclosão?
Perguntas que me atravessam em apoplexias
introvertidas, fui capaz, fui capaz?
Leio quase siderado pela inexistência social
desta língua saltitante, dançando ao som
de músicas nomeadas como coordenadas férteis
de um planeta mais propício à emergência
desse nada que revolteia, não haver
no que há de sofrimento e de ódio e de mal.
Fui um homem quando fui escrito nas páginas
insubstituíveis de uma real incompreensão?

6/9/2022

MEIA DÚZIA DE GOTAS

Meia dúzia de gotas caem na piscina
advertindo-me talvez que setembro chegou
para ficar. Um nem sequer aguaceiro.
Algumas gotas concutindo esparsas enciclias
para que a minha falha estesia se ocupe
minazmente do acontecimento. Está exarado,
pronto, que mais tem a me oferecer
essa atmosfera em tempos de escassez?
Nada. A nuvem obscura passou e uma brisa
não me diz que fale, nem me diz que cale,
o sol não veio ainda, que fazer agora
do sentir esplenético que tenta, estúpido,
apoderar-se do que resta da insensível
exultação da minha sensibilidade?
Não sei o que dizer. Mas eis que uma luz
oblíqua, interregno factício no meditar,
sussurra-me interjeições do género:
“nada vale ou pesa”, ignorando eu se isso
me ensimesma ou alheia, ignorando
até se o que é é alegria ou tristeza,
já que duvido cepticamente da verdade.
Eparso e disperso encontro na perda
que me elege e alaga o que acho, este eco
tentando subsistir mais do que o tempo,
este som da terra ceifando o lugar
onde não posso concluir que me encontro.
E, no entanto, foi na superfície azul
da água que vi essas enciclias inúteis,
abrigos para uma ideia de beleza exequível
nas mentalidades humanas. A natureza
confunde-se muitas vezes com um apelo
vindo sabe-se lá de onde, mas ondes
não são os percalços onde alicerço a vida?

7/9/2022

OS HOMENS SEM HUMANIDADE

Ele, esse homem enigma e algum mistério, não está para si como um encontro de quem com quem, ele percorre mentalmente coisas que recusam a ser coisas, estados percebidos como comportamentais que põem em causa qualquer psicologia, qualquer ideia de forma para um sentimento informulável. Ele vive consciente de que os dias são perdas parcas nos confins de um raciocínio irrazoável, ele não ignora que marcha para a morte segundo após segundo, não lhe valendo, pois, de nada os nutos que dirige ao suceder da respiração que o atém à vaginal viagem da existência. Ele sorri da imagem catacrética, mas o abuso não lhe foi sempre um apoio nas revoluções em que a sua história se destrinchava da hora vivida por todos aqueles que seguem o zelo da ordem e da forma? Ser-se enigma não é estar-se disposto a aceitar as singularidades tantas vezes monstruosas da acção, da voraz energia que catapulta uma passagem vívida para contradições difíceis de uma formulação ética e política? Ele ainda se recorda, infeliz, do acontecido, do sofrimento erigido em lei na sociedade contemporânea dela mesma. Mas não contemporânea dos que ousaram abrir um caminho diferente do hábito, ser-se capaz de traduzir a existência num eclodir de factos humanos garantindo a integridade, física e psíquica, da multidão dos escravos que se desconhecem embebidos na pobreza da impotência ou conluiados com o poder que lhes dá a ilusão de uma felicidade fácil.

7/9/2022

A INDEFINIÇÃO

Por outros motivos, por outras razões,
Becca Stevens canta no seu último álbum,
acompanhada do Attaca Quartet, “I am no artist”,
e eu sinto-me feliz por esta constatação ter
passado pela cabeça de uma mulher que se dedica
à música talvez com a mesma paixão
com que eu escrevo estes textos entretecidos
de preocupações tão mesquinhas e banais
que não podem pretender um acento artístico
ou uma qualquer displicência meramente estética.
Não fico, pois, estático na audição alegre
dessa reverberada canção, antes tento
compreender, através da letra, por que razão
Becca se atreve a dizer que não é uma artista,
quando todos os músicos, desde sempre,
são considerados artistas, a música
uma outra maneira de explicitar a pintura
de um mundo em sucessiva mutação.
Mas é a música que é o outro lado da porética.
A outra face, ou até a mesma, para quem souber
ler o que se passa nas linhas diligentes
que expõem do real o seu movimento,
a sua mais intraduzível emoção. Comove-me
ler certos porismas não pelo que estão
a explicitar, mas pela exuberância da sonoridade
em que se deslocam, tempos e notações
de uma sensibilidade que foi minha num dado
momento histórico. Ouçam esse trecho
de Becca, a sua voz, a sua música,
a sua letra. Engraçado como os críticos
julgam a peça: uns dizendo que se trata de jazz,
outros de música de câmara. Como na porética,
o traço da sua estética é a indefinição.

7/9/2022

A FICÇÃO INSONTE DO ALGO

Nem sei por que estou aqui, este aqui
que de tão irreal parece querer ser mítico,
o que me deixa cabisbaixo numa perplexidade
talvez compulsiva. Talvez afinal tudo
o que nos rodeia nada mais seja que uma teia
de sensações negando-se possibilidade
de advir percepções, quem sabe o que forja
uma passagem e um desvio, quem pode
abstrair-se da ignorância que nos alardeia?
A meta, essa morte fácil, será talvez
física, daí talvez a necessidade de trazer
ao pensamento a ilusão de uma metafísica.
Deixei de ler, por agora, os livros incivis
dos outros, sinto-me bem recapitulando
as fases sem faces detectáveis de escritas idas
onde pus o instante no seu apogeu agónico,
quem me poderá acusar de não ter sido
uma testemunha? De quê, é mais difícil
de explicitar. Tudo era tudo, o mundo
não se fazia existência humana, a realidade
foi sempre uma sombra do real inapreensível.
Como agora. Apetece quase escrever,
a agora está despida, as gentes encafuadas
talvez nas suas casas, que sei eu do que vai
de tangências volitivas, de experiências
insondáveis, sobretudo quando, em pé,
aberto à portada clarividente, nada mais
vejo que o campo transformado em jardins,
o verde campeando ainda neste setembro
doravante intraduzível. O real não é
uma língua, um idioma, é isto em frente
quando se ignora se atrás algo nos espera
ou espreita. Que sei eu do que acontece?

11/9/2022

A TRADIÇÃO DA TRAIÇÃO

Morte de rainhas, ascensão de reis, quem sabe o que é a modernidade de uma contemporaneidade política? O passado, para certos povos, passa ainda como habitável, a monarquia e a república são duas realidades vãs perante o sofrimento que se expande pelo planeta como uma ficção surda de um mau filme. Películas caem só no chão da indiferença, a vida, a vida, murmuram os habitantes ocidentais, que soletra o oriente? Possibilidades ou ameaças? Ninguém sabe. Nada como um chefe para que as pessoas se sintam mais protegidas. Os heróis ainda são viáveis. Os símbolos dão figuras e festejos, reais nascimentos repercutindo-se em interregnos ditos históricos, falecem as imagens ágeis de percuciência para logo a tradição prosperar numa outra imagem, esses elos de elos clivando as idades, factos que os meios de comunicação social socializam com a urgência estudada do que pode agradar suas audiências. Moral da estória: Nada como um nada para que tudo seja. E assim vai a vida dos que parecem estar vivos, figuras elas mesmas, mas de quê? Ninguém, ou muito poucos, se sente um escravo da tradição, ninguém sente a traição ao que poderia surgir como um outro mundo, todos temem o passo em frente.

11/9/2022

ATRASOS MILENARES

De vez em quando, vocês sabem que é verdade, salto de mim mesmo para me aceitar índio, negro, judeu, agora sou, até à incompreensão das lágrimas, ucraniano, sofrendo uma urgência que me devolve à humanidade que anda tão por baixo. Mas não posso ser todos aqueles que sofrem ou sofreram neste planeta inulto, desacreditei a alma, o coração devoluto, a mente perdida para qualquer ideia de natureza, a força do mal imbuindo-me de dores em todo o corpo quando pretendo assumir, por um momento que seja, a miséria que perpassa nas sociedades dévias e falsamente modernas ou mesmo pensadas contemporâneas. Atrasos milenares, a hipérbole angusta, ferem as sensibilidades das pessoas e das gentes que se abrigam em populações desta ou daquela região, não digo nem nunca disse que é a religião da identidade a culpada, mas era tempo de os homens são e as mulheres libertas que abundam nesta terra tão maltratada compreenderem que só há uma família, dispersa pelos invisíveis cantos do globo tão esférico como uma laranja oceânica. Se há cor que sempre me atraiu foi o azul, a sua plasticidade comovente, um céu seduzido pelo mistério do universo englobando-nos no sortilégio de uma amizade mais importante que o próprio amor. O amor tem que advir amizade, sem se bastar com a expressão frágil de uma sexualidade encapuzada, ou na companhia restrita dos pais e dos irmãos. Há um mundo perdido nos nossos corpos, esperando, esperando que mais dia menos dia venha a ser descoberto.

11/9/2022

A CIRCUNSTÂNCIA DO REAL

Danielle, essa abreviatura de furacão,
atinge o terreno onde uma casa se edifica,
e eu, talvez desalmado, acho pouca a chuva
que tem caído. Há quantos anos não ouço
o deslizar da linha de água que abraçava
o sul da pequena propriedade onde evoluo?
Ainda não ouço nada dessa música aquática
e líquida, ouço o vento soprando nas copas
das árvores, o eucalipto parece a agitação
que toma o frenesi em pessoas avulsas.
Os choupos não gritam nem de tristeza
nem de alegria, balançam quase arbitrários
concutidos por espasmos vegetativos, eis
a dança das árvores que me coloca talvez
insano numa emoção indescritível. Venha
mais chuva sobre esta terra empedernida,
possam as raízes ganhar alguma liquidez
nestes tempos da economia capitalista.
Ontem, aberto o sol por uma hora e tal,
a tarde subitamente iluminada de afectos
tonais, desci ao pomar errático e fui apanhar
os frutos do momento, maçãs e marmelos
caídos juntos às árvores onde habitaram
durante largos meses. Os figos comi-os
não precisando de os lavar, os gorduchos
cachos de uva, desenhando-se efervescentes
diante da tentação que me tomou, estavam
protegidos pela folhagem cobrindo a latada
de um verde intumescido. Perdi minutos
de açúcar saboreando cada uva no efeito
de uma deglutição prazenteira, levei
para a mulher, que na cozinha apunhalava
os marmelos, três ou quatro maravilhas.

14/9/2022

A NECESSIDADE DA CHUVA

A manhã molhada diante da portada virada para o sul.
Não há sol que palpita na sua efervescência
inconclusiva, o céu toldado por uma massa onde
parece avultar uma imprecisão de chumbo.
Não há verdadeiramente chuva estilhaçando-se gota
a gota no chão, antes uma soleuada morrinha
deteriorando-se por entre os ventos compungidos
que fazem balançar meus olhos em trejeitos soturnos.
Mais chuva, mais chuva, ouço essa voz impossível
de um dentro fictício numa exortação estulta,
mas a natureza atmosférica não sendo caprichosa
arbitra o seu acaso e a sua ocasião, venha inadjetiva
quando puder vir, eu espero, eu espero, nada
tenho que fazer, a reforma é uma forma abstrusa
mas libertadora, a velhice uma desrazão biológica
como qualquer outra. Cansado de estar de pé
alcanço uma cadeira abissal onde me sento, sinto
alguma coisa que se compare com o molhado do redor,
sei lá, uma lágrima gotejando numa psicologia
de pacotilha, uma vontade de ir urinar? Não.
Virado para o sul solidifico-me nesta quase estase,
a terra é de uma beleza muda, os verdes da redondeza
transmitem inadequações da sensibilidade flente,
hiante meu olhar procura no pensamento a dor
de uma deiscência devoluta, basta de tanta irrisória
abstracção, repreendo-me. Espero. Poderei dizer,
metafísico e tolo e absoluto, sempre esperei?
Seria uma mentira. A vida não é um aguaceiro
fustigando a indiferença do solo, a vida que foi e é
não possui uma língua, nada nos diz, antes passa
concebida pelos nossos corpos na experiência
de uma ignorância que não se suporta, ávida
de um sentido que nos justifique como necessidade.

14/9/2022

QUEDAS NO APOGEU DE UMA REVISÃO

Prandial até não se sentir uma consciência
de homem, ele espera que os noticiários televisivos
se dispersem em nonadas acontecidas
com a máscara de reais acontecimentos,
o corpo pesado de uma comida leve e aparentemente
saudável, que sabe a medicina das abscondidas
arbitrariedades dos organismos humanos?
Fazem de conta que sabem, mas todos os dias
noticiários nocentes trazem apogeus de descobertas
que não confirmam o saber precedente.
O realismo do real é tão realista que se realiza
em manifestações imprevistas, imprevisíveis, mesmo
impredizíveis, às vezes. É a guerra, agora,
que suscita a sua curiosidade. Está, obviamente,
do lado do agredido, não é por acaso
que quando assiste ao espetáculo cultural
mais em voga na europa, o futebol macaqueando
civilizadamente o pão e o circo romanos,
toma o partido da equipa mais fraca, atitude
que nunca compreendeu ou não quis compreender.
Será um masoquista? Ignora. A fragilidade
e a fraqueza são-lhe tão íntimas que lhe é quase
natural encontrar nos que sofrem a dor
que se infiltra no seu corpo deturpando a psique
com visões não só aflogísticas como desgraçadamente
insuportáveis. Quedas em imagens apocalípticas
sucedem-se então em miragens insolúveis,
para avançar nesse lodo teve que inventar o gesto
porético, abrindo cegamente caminho
na superfície rugosa das aporias esplenéticas,
deixando pegadas e sulcos como se um mar mádido
pudesse ser navegado com rastos de sangue.
Conseguiu soletrar uma terapia adjacente? Ignora.

14/9/2022

A EFERVESCÊNCIA DO DESCONHECIDO

A chuva, esse bem, deu o que tinha a dar.
Eu, de uma maneira ou de outra, já dei
o que tinha a dar. Que faço, pois, aqui?
A efervescência, se soubessem o que é estar
sujeito a esta efervescência, este remoinho
turbilhonado de palavras agitadas, erupções
de um velho vulcão que nunca me abandonou,
infelizmente, ao longo dos anos. Se soubessem.
Se pudessem por um segundo que fosse abrir
vossas consciências ao estranho delírio
que a língua tece em mim, ou o corpo,
ou os nervos, sei lá, se pudessem, talvez
estes arrazoados pudessem ser compreendidos.
Não espero dos leitores que as sensações
que culminam em emoções difíceis de ser
explicitadas sejam sentidas. Há uma intimidade
em mim que vai de mim a um lugar ignoto,
esse desconhecido que se atreve a chamar-me
em horas despossuídas ou ingovernáveis.
Não sou quem sou. Qualquer coisa age
sem a minha conivência com a naturalidade
do que é existente, uma, digo eu, ignorante,
monstruosidade, uma força, uma energia
sem sentido sentida contudo no acme da carne.
Minha. Não ser chuva quando cai na terra
ensombrada de malefícios e de injustiças,
não ser sol para acudir com a luminosidade
elucidante aqueles que não sabem libertar-se
da escravidão onde escabujam anónimos.
A dor de viver é muito mais pervagante
que o pouco prazer auferido pelo bem-estar
de não se sentir nada, de não se ser nada.
A chuva foi de pouca dura. Eu sou a duração.

15/9/2022

VITÓRIAS E DERROTAS

Evoluo pelos meandros da sensibilidade extemporânea em emanações de alegorias incapazes de ver na metáfora um alcance ou uma inteligência, evoluo no velho prazer de conquistar a alegria indeterminada, consciente da ilusão que me embebe quando desafio o real com realidades atinentes ao sortilégio do nada.

Não há sentir que não seja uma leitura, uma tradução, um desejo de conquistar um estulto centro na multidão divergente de tudo o que nos rodeia. Rodelas de imagens prontificam-se numa complacência inerte a dar do mundo uma transcendência virtual e objectiva, por que preciso de me entusiasmar com o logro sabendo de antemão que é um logro minha passagem pela ignomínia?

Fala-se de vitórias e de derrotas como se a vida fosse uma guerra, os noticiários agasalham uma violência linguageira como se houvesse uma verdade consensual no real que procuram abordar com um profissionalismo estudado nas escolas da história contemporânea.

Aceitamos a convenção. Achamos natural a analogia adurente e perfunctória, o hábito nunca é questionado, o vício está sempre no outro lado do campo da batalha.

Ouvir zeloso o lugar-comum transforma quem ouve num membro da comunidade, que bom pertencermos a um país, a um clube, a um grupo de amigos, ah, proferir asneiras eleva-nos a alma até aos confins da imbecilidade consentida. Dizemos, indisfarçáveis, há um preço a pagar. Afinal o que é esta sensação de segurança? Irmos pela rua sem sermos assaltados, dançarmos em discotecas até altas horas da noite, a vida, ah, a vida, essa aventura cada dia que passa no sigiloso envelhecimento do corpo impedido de tomar parte na consciência. Ninguém ignora o que já sabe. Que um dia, de supetão, a morte nos abraçará carinhosamente avulsa.

15/9/2022

O MISSISSIPPI EM SINTRA

Ouço o velhinho Charlie Musselwhite neste recente Mississippi Son. Subi nos anos oitenta o estado do Mississippi debaixo do calor de agosto, fui a Oxford ver a casa de William Faulkner plantada num ralo pinhal, Light in August é o título de um dos seus romances. Vi muita coisa no interior desse quase museu, objectos diários, uma máquina de escrever, alguns óculos, mas o que me ficou impregnado na memória foi o plano de um seu romance escrito numa parede de uma sala silenciosa. Para chegar a sua casa tive primeiro que ir ao centro da vila de Oxford onde um grupo de velhinhos conversava debaixo do sol, e tive que perguntar a esses homens brancos, que deveriam disfrutar de uma qualquer pensão, onde ficava a casa do escritor. Sorrisos enigmáticos, mas simpáticos, explicaram-me qual o caminho a seguir. Com a excepção de três funcionários que nos receberam de braços abertos, a mim, à minha mulher, à minha filha, o edifício estava deserto. Os jovens, contentes talvez por terem alguma coisa para fazer, desdobraram-se em informação. Esqueci o que disseram. Talvez peças fundamentais de uma biografia curiosa, que sei eu do que se poderá dizer da casa de um escritor? Li poucos romances de Faulkner. Ano passado reli um deles e agora o seu título escapa-se irremediavelmente para os confins dolorosos da incapacidade de reter essas parcas miudezas que uma boa memória explicitaria num breve júbilo. Sim, Musselwhite continua a extroverter-se em blues, eu apenas medito no que se perde de vida, ou na necessidade de trazer o Mississippi a Sintra.

17/9/2022

A BRUTALIDADE INOCENTE

Venho da portada deste salão matinal
com a leve impressão de que o facto de nada mexer
lá fora me abalou com uma estranha emoção,
como se eu vivesse antes do aparecimento do mundo,
como se já estivesse num além da experiência
da terra. Não posso dizer que é a solidão
o que preenche os escaninhos humanos do corpo
e da mente que sou, mas sinto que algo mente
nesta visão tão desprovida de palavras. A brutalidade
inocente do que é deixou-me vazio, sem começo
nem nascimento, sem um fim à vista que sei
que virá. Despossuído sentei-me diante do monitor
para tentar no branco da página futura deslindar
o que se passa, não só comigo, mas também
com o que passa neste tempo tão irreal, mas não sei
o que está acontecendo, este inacontecimento
alarga-se pelos meus sentidos de tal maneira longe
do que se pensou o que era um fenómeno
que não me atrevo sequer a dizer que escrevo
o que estou a tentar dizer numa língua impossível
e traumatizada. Mas eis que um sol preguiçoso
ilumina esta parte ínfima da terra, nada é ainda brisa,
nada mexe, mas de repente um movimento
de nada esboça-se na realidade, uma alegria feliz
introduz-se em mim reconhecendo-me como homem,
a vida pode ser uma estase diluída numa luz
que aparece e desaparece ao acaso da atmosfera
que desliza nesta manhã precoce. Daí sentir-me algo
precoce, nascido num limite do tempo, indo
sempre em frente mesmo quando essa frente não é
viável. Nem um pássaro voejando de galho
em galho, nem um pio debuxando uma cantilena,
tudo parece ainda adormecido, incapaz de acordar.

18/9/2022

O CASULO DA POSSIBILIDADE

Sentir o que não pode ser sentido ou movimento ou passagem, tanto do tempo, tanto das sensações onde uma vida se alicerça em peripécias do insolúvel, corrompe qualquer percepção do estar sendo, traz ao que se configura como um “estar” a expulsão de quem se é no remoinho louco de uma vacuidade imóvel, silenciosa, quase extraterrestre, quase incapaz de se constituir em mundo, em existência, em possibilidade de vida na vida que no entanto ocorre sem dimensões nem exteriorizações do ser sendo. Quem vê o que não se passa, mas sucede segundo a segundo numa infalível determinação da presença das coisas não consegue sentir nada, não consegue compreender nada, tudo lhe foge num disparate sem alcance, tudo se afasta, medida desmesurada de uma tradução sem correspondência ou ponto de partida, díspar. Quem se sente nu frente ao que é não pode despir-se de velhas roupagens sideradas de intelectualidade ou de sensibilidade, a nudez factícia é difícil de ser conjugada, de ser explicitada pelas línguas das populações terrestres. Virar as costas ao real é uma solução. Fazer de conta que não há o que há. Mas esse haver desautorizado não demole qualquer identidade humana? Que é ser, que é ser-se homem ou mulher? Páginas brancas que só aceitam a brancura de uma negação poderão fazer um livro livre de medos e preconceitos fatais? O branco existe, o nada existe, a existência talvez seja mais do que se pensa que é, há surpresas férteis em certas formulações da curiosidade desvendada, ousaremos alguma vez colher desse “mais” a força de um testemunho, a possibilidade da possibilidade? Algo parece sair do casulo, será um bem, será o mal?

18/9/2022

HIULCAS VISÕES DO MUNDO

Nitidamente, não deveria estar sozinho
neste silêncio tão matutino que o sol prometido
em boletins meteorológicos ainda não teve tempo
para irromper de um oriente sempre fictício.
O planeta é redondo. Onde está nele inserido
ou alastrado um oriente ou um ocidente? Tudo
é relativo. Há distâncias paratáticas que propiciam
ilusões a culturas estabelecidas, há hiulcas visões
do mundo tão convincentes que até nos parece
natural acreditarmo-nos no que nos ensinam.
Não estou nem a leste nem a oeste de mim. Estou
sozinho nesta casa isolada na imensidão da paisagem
sem ter a possibilidade, porque escrevo, de ver
um horizonte que me apaziguasse neste sofrimento
que por vezes irrompe na sensibilidade infesta
de uma talvez hipocondria. Nada de injunções,
como murmurar, sê mais concreto, perfila
uma língua que possa ser lida, mesmo se lida
não deixa de se corromper em incompreensões.
Meu corpo, ou o que ignorantemente faço dele,
não me dá descanso nem harmonia. Aflito
vou indo dia a dia por inesperadas aberturas
na morosidade do real, alongo-me prófugo
pelas possibilidades de sobrevivência, às vezes
até sinto ou consinto-me a abreviatura muito ténue
de uma alegria, raramente atinjo um estado
capaz de me transportar para o tempo da origem.
Que não existe. Segundo algumas filosofias.
Mas o que contrapor ao fim? Apenas um começo?
Está bem, concedo. Incapaz de mim, de um bem,
de ser qualquer coisa como a ideia que se faz
do homem, fecho os olhos e procuro no silêncio
uma realidade que não seja tão emotiva.

21/9/2022

SIMPLESMENTE O INDESCRITÍVEL NADA

Modalidades da insegurança alçam-se ao clangor da ansiedade e da preocupação estultificadas, saberei alguma vez viajar pela paz? Este corpo comporta-se como se estivesse desiludido comigo, prega-me incessantes partidas, desloca os meus sentidos para insinuações dévias, como merecer uma acalmia nesta velhice invicta? Pássaros estranhos, e por isso inomináveis dentro dos confins da ignorância, debicam cascas das uvas que comi ontem e atiradas rápidas sobre o verde estarecido do relvado, nada há mais para comerem? Os figos não lhes chegam? Faz-me bem ver a dança esvoaçada que alardeiam em pequenos saltos imprevistos, não posso dizer contudo, infantilmente, ser pássaro!, que ser é um incomensurável mistério na desordem das coisas. Não desejo esventrar nenhum mistério. Desejo alguma coisa? A paz, solta-se o som no oco da consciência, a paz, passar pela avulsa existência como se não existisse, impoluto, sem dar nas vistas, não dos outros, mas de mim que arfo uma presença incalculável. O sol, um pouco mortiço, derrete uma luminosidade em redor, é sempre uma alegria impulsiva que o saúda, um arroubo traduzido em apogeu, um auge do eu, se o sentido permite a breve intrusão de uma inimaginável imaginação. Grito ou assobio ou sopro o corpo parece conceber uma atitude comportável, não é preciso o vinho para se ficar ébrio, basta a disponibilidade quase biológica que engendra uma deiscência no lugar onde deveria haver alguma coisa que não fosse simplesmente o indescritível nada.

21/9/2022

JAZ O JAZZ NA GUERRA IRRECONHECÍVEL

Muito do planeta parece enlouquecido em guerras que não levam a nada, mas trazem o nada da morte e da devastação às especulações televisivas. Ideias fantasmagóricas da cultura histórica jazem nesses corpos deturpados pela vida insana da ordem que comanda as sociedades como se hoje pudesse ser ontem, ou a humanidade como é nada mais seja que uma essência: violência e abuso. Lágrimas desviam-se dos olhos do sofrimento, percorrem faces falidas pela dor, asseveram que tudo nesta terra começou na água que se dilui no próspero domínio do corpo. A insanidade é mais do que um louco gesto de um mentecapto, é a manifestação de interesses adunados pelo desejo de poder, de se poder organizar o planeta no giz que não encontra uma ardósia obscurecida. Horror, horror, conclamam as vozes do coro nem só trágico, a comédia delimita o velho teatro das operações, quem sabe o que se passa, quem passa pelos acontecimentos ileso e dispensado de uma qualquer salvação apocalíptica? Inner War é um trecho do álbum Visions Of Your Other, tão antigo como ter aparecido ano passado no jazz onde culmina a música do ocidente. Não indico quem é o músico que perpetra com os profissionais talvez amigos esta peça que vibra pelo salão sobreaquecido pelo calor que faz lá fora. A vida conduz-se como uma batalha sem drones letais, nada corresponde a nada, mas tudo coincide em tudo o que o acaso permite às leis de física atômica como da química assassina. O progresso incide sobretudo na agilidade das carnificinas. Aqui, porém, só a guerra íntima se reconhece testemunho.

21/9/2022

O MISTÉRIO DA IMINÊNCIA

Pintada uma minimíssima porção do tecto do quarto de banho obscurecido pela humidade ao longo dos anos, fixo-me como tarefa descansar. Descansar no silêncio quase grávido da casa onde permaneço simplesmente porque o apartamento não me concede a alegria de descer à porção de terra que me cabe. Tanto verde, de vários matizes, diante dos olhos, permite-me concluir, talvez apressado, que a paz pode advir com a chegada de um fora que não me obriga a aceitar a fatalidade que por vezes aflora a sensibilidade terebrante onde navego tantas vezes desprotegido e fragilizado. O verde vegetal das árvores eleitas é amíntico e epulótico, uma incapacidade de superfície na relevância de distâncias nítidas que configuram a natureza da natureza. Serei capaz de conceptualizar este momento? Não. Nenhuma ideia incoativa ou activa instiga a inteligência, mesmo se pouca, que devo possuir, nem sequer ousarei dizer que sinto o que estou a sentir, mesmo que seja uma qualquer coisa. Essa coisa que não se dá como língua. Sinto, isso sim, o cansaço na pele suada do corpo, poros, poros na pele e na existência da terra, eis um ponto de partida para lucubrações avezas. O tempo da filosofia não é mais filosófico. O espaço da estética não é mais estético. Tempo e espaço são, porém, as coordenadas invictas onde agimos. Penso, e agora, o que vou fazer logo, depois do almoço? A iminência é sempre um mistério para os que estão vivos. A ignorância um facto que não se deseja adquirir. Debalde.

22/9/2022

ELE E EU, INIMAGINÁVEIS

Ele surge de supetão nas artérias da escrita, terei que gramá-lo? Terei que testemunhar as andanças onde ele se perde quase sempre, terei que ser escravo mesmo que ele, coitado, não se afirme como dono ou proprietário? Ele teima em aparecer, em fazer parte da aventura, esta dimensão indesvendável da língua acesa, mesmo sabendo, talvez, que não descobrirá nenhum tesouro nas clivagens eminentemente metafóricas de uma mina inexistente. A gema de outrora é hoje apenas a do ovo. E faz mal, diz alguma literatura científica, ou dizia anos atrás. A pérola não concebe mergulhadores, e navegar há muito deixou de atrair Ulisses cuja singularidade foi sempre plural. A arte de viver não admite mais a arte de fazer, seja uma estátua, seja uma pintura, seja uma casa, seja um livro compulsivo na sua perdição. Ele não ignora nada disto, penso. Será por desejo de companhia que ele se apresenta nos sítios onde às vezes procuro, curioso e febricitante, uma hora de alheamento, quase de alienação, como se pudesse ser um estrangeiro de mim eleito num ele inventado de propósito? Quem sabe! Ele não é um membro das sociedades coevas, ele ouve expedito as palavras fluírem em espaços inimagináveis, sons quase banais de uma humanidade indefinida e ingovernável. Ele, se compreendo bem, quer ser eu, deseja possuir-me no melhor de mim, não na vívida dor em que irrompe o sofrimento. Ele só vem quando a alegria, despida de acontecimentos, emerge para iludir-se num auge de felicidade.

22/9/2022

O OUTONO DA VERDADE DESEJADA

Setembro entrou no Outono como um dado adquirido, a temperatura baixou um pouco, o vento acedeu à vizinhança da casa fazendo-se visível pelos ramos das árvores que balançam ao ritmo da desarmonia. Estará tudo dito? Nem por isso. Mas a vontade que me trouxe a este leme anacrónico parece ter-se esvaído numa paralisia, numa insatisfação, haverá pachorra para continuar? Há quem pense que a banalidade me atrai. Nada mais falso, porque ignoro simplesmente o que essa palavra quer dizer. Os dias passam, haverá alguma profundidade ingénua nessa passagem? Acordei interrogativo como se o espanto de estar me introduzisse numa dimensão paralela, absconsa, mas tão natural apesar de não ser um hábito conclusivo. A vida!, a vida!, quantas vezes, patético, o repeti? Exclamações inúteis inutilizam qualquer propensão para o devaneio. Que se passava com o que se passou para me aligeirar em exclamações perfunctórias? Sem dúvida superficiais. Hoje sei que a vida objectiva das pessoas é uma abstracção irreduzível, e que a vida não precisa de compungidos gestos de duvidosa elação. Nunca soube, realmente, o que era a vida, o que poderia ser a vida, o que gostaria intimamente que fosse a vida. Houve sempre um carinho extemporâneo pelo que não compreendi nem compreendia, estava imbuído de um sentimento difícil de explicar, de decifrar, desejava o que as coisas não me poderiam oferecer, uma outra vida, feliz e livre, no conglomerado febril da sociedade. Vou passando pelo tempo abstruso e igual como um homem que pensa que é um homem, a vida nunca me disse a verdade. A verdade desertou o elogio das ideologias filosóficas da lei, inventou-se até um vocábulo como inverdade para desmentir o real.

24/9/2022

O PRAZER DO FALHANÇO DO DESEJO

Passo claudicante para este porisma num susto que devora este irreflectido desejo, escrever não mais o ser, mas a presença do que acontece neste turbilhão de factos que não se assumem como possibilidades de ideia, de conceito, até mesmo de um sentimento aturdido pela sua emoção orgânica ou biológica. A sensação é desastrosa. A percepção das coisas deforma-se com a evidência de aperto que o perto por vezes pode causar. Do longínquo nada saberia dizer. Causas e efeitos são cantilenas onde o ocidente do pensamento achou um abrigo e uma convicção, funcionam para a lógica que subjaz na tentativa de se compreender o que vai pelo mundo interdito. O susto, com certeza, não foi real. Mas a palavra jorrou de um silêncio operoso, parecia introduzir uma verdade, explicitada desiludiu-se na atroz elucidação de que não pôde escapar. Poderei eu escapar ao embuste da linguagem, deste impulso que me atira para a frente sem que saiba ao certo onde vou cair? Caí aqui, nesta tentativa de evitar o logro de um alor que existe no corpo mental, jaz quem nunca foi numa folha tão dolorosamente futura que a inexistência surge quase evidência que deixa muito a desejar. Estes irreflectidos arremedos, estes desejos, nunca fizeram sentido, sentidos embora com a pungência do que vem para ficar. Que fica do que se vive num despalante de destino? Nada. Abracei-me a esse hiante nada como quem se perde num naufrágio irremediável, afoguei-me onde não havia água e muito menos mar, como poderia ter morrido se não possuía planos para renascer? Mil vezes morri no fogo da iminência, a imanência um falhanço do prazer.

24/9/2022

VARIAÇÕES SOBRE O VÍCIO

Acordei com a indecorosa palavra, o vício, o vício,
que continua injuntiva pela ventosa e fria manhã,
julgando-se talvez um anátema ou um aviso,
mas dando à consciência apenas o sentido perverso
de que não faz sentido esta irrupção vocabular.
O vício? Como podem surgir palavras, na atenção
de quem somos, dificilmente explicáveis, irrazoáveis,
outros diriam quase, misteriosas, proféticas? O vício
obsessivo e vicioso obsidia a naturalidade banal
desta manhã. Levanto-me e deixo de escrever.
Vou à portada edificante que se alarga de paisagem
próxima e limítrofe desconhecendo qual a razão
que me fez levantar, será um vício da minha parte
perder tanto tempo contemplando o vívido fora
sem nenhuma novidade? Não seria melhor pôr-me
a ler algum livro, a ouvir alguma música, a ser
feliz com o que me acontece ao arpejo do vício?
A língua ínsita na corrente da consciência traz
por vezes insinuações despropositadas, arremedos
de sortilégios que me são completamente alheios.
Penso eu. O ininteligível terá a seu próprio modo
de se impor com a urgência do que não se pode
apagar? O vício. Que disparate! Díspar arpejo
do que se ignora, intrusão da arbitrariedade reles
que nos arrasta para o deserto do desconsolo letal.
Daí que, regressado ao computador, me cerque
de palavras que possam fazer frente à contumácia
do vício, tentando asfixiá-lo, rasurá-lo, o crime
perfeitamente assumido perante o tribunal lúdrico
da moral. Inútil. Mas soube alguma vez dominar
os impulsos imperativos que me assolaram trépido
em vibratilidades corporais e mentais? O domínio
nunca foi o meu forte. E a defesa é mera biologia.

25/9/2022

OS FUNDAMENTOS PARADOXAIS DA GUERRA

Fazer guerra à guerra é quase um imperativo categórico. Não nos importamos com o implícito paradoxo. Figuras de retórica são pilares infantis perante o perigo acerbo que nos ameaça. Não, não me digam que não sabem o que é a guerra. É, por assim dizer, um erro que erra por certas mentalidades aflitas com o que foi ter nascido e depois ter que morrer. Ai sim, pois então eliminar os outros numa vingança social. Não é uma estupidez esta atitude que impregna tanta da humanidade, é antes a política das nações que vivem ou auferem da política de muitos dos seus cidadãos aflitos com o facto fatal de que mais dia menos dia vão muito naturalmente ter que morrer. A solidão da morte, como aliás da vida, é terrível. Convenhamos. Eu convenho, não deixando de pensar que fazer guerra à guerra é um imperativo talvez biológico. Não podemos conceder à destruição e à violência a sua liberdade. Ser-se homem e mulher é sabermos animalmente que teremos de engendrar mais homens e mulheres para que a espécie continue. Que ganhamos com isso? Nada. Mas a programação genética terá alguma coisa que ver com o anseio que se propaga no imo mais absurdo da nossa, mais desejada que efectiva, humanidade. Às vezes, contudo, descubro-me a pensar, para quê trazer mais homens e mulheres ao mundo, quando o mundo, como é, os vai trucidar com isto ou aquilo, fazê-los escravos do mal, desse mal talvez também genético e que tem palmilhado os caminhos das sucessivas civilizações históricas. Não haja, porém, dúvidas: Os homens amam a guerra. São tantas as desculpas que inventaram ao longo dos séculos, a defesa, a protecção, a segurança, acaba todo esse tumulto de falsidades na criação estratégica do inimigo, de um inimigo que é fundamental destroçar.

25/9/2022

A MANHÃ COMO REAL IMPREVISÍVEL

A manhã sucumbe à manha do tempo,
abre-se o dia sem premonições,
o que vai acontecer acontecerá tão naturalmente
que se é quase obrigado a pôr em questão
a natureza do natural. Servirá de alguma coisa,
em termos pragmáticos? Tantas palavras
proferidas em debates, quem são estes comentadores
que opinam com um à-vontade inexcedível
sobre tudo e nada? Que magia os atordoa,
que experiência das coisas evidenciam zelosos
quando alardeiam pontos de vista
que da vista só sobressaem os pontos?
Ouvirão as pessoas o que dizem afincadamente?
Estudos de audiência devem comprovar
a sua existência, caso contrário seriam eliminados.
Ou só servem para preencher o tempo?
Remetem os seus excursos para algum real
que não se limite a pessoais realidades?
Precisarão, os homens e as mulheres
que assistem ao desconchavo, de “maîtres à penser”?
Sucumbirão à manha dos eleitos da comunicação?
Mil vezes a manhã aberta à manha
do tempo, que é inocente na deiscência
ao imprevisível. Nem todos pensarão assim.
É o privilégio da democracia. Mas com tantos
comentários poderá algum cidadão
atrever-se a pensar por si? Ou, formatado
pelo que ouviu, terá que tomar uma decisão
imposta por um poder que não se legitima com votos
verdadeiramente legais? Televisões de todo o mundo
dão do planeta imagens reformuladas
em edições mais ou menos interesseiras,
mesmo se não questuárias. Assim vai o real.

28/9/2022

A DUPLICIDADE DA FUGA

Fogem os que fogem em fugas amedrontadas,
as fugas atrás servirão de alguma coisa?
Trarão o fim da guerra? O colapso da invasão?
Ninguém sabe o que será o dia de amanhã.
Fogem os que fogem invadindo países limítrofes
para que a paz lhes seja possível, que paz
os países de acolhimento receberão dos postos
em fuga? Ninguém sabe. Na ignorância
acontecem factos que fogem da razoabilidade
tão apregoada, que medidas a tomar? A política
polui as cidades do ocidente e do oriente,
do norte e do sul, nenhuma resolução é ainda
planetária, esférica, global. Os povos
há muito que deixaram de povoar. Fogem
talvez impregnados de esperança para locais
onde esperam encontrar o bem saciável.
Fomes e guerras não fazem parte da natureza.
A terra não obriga ninguém a fugir. Fugir
da presença da terra há muito que aconteceu,
a humanidade sempre desejou inventar o mundo
com políticas e feitos e invenções sublimes.
Hoje é deploravelmente hoje, indiferente
à tautologia redentora. Redunda em quê a fuga
não em frente, mas para trás? Numa nova
consciência da história? Da humanidade? Foge
de todo à previsão o inacontecimento, ser
debanda a ontologia, a ontologia desarticula
a metafísica, o pensamento esvazia-se
com intrusões de ideias que tiveram sucesso
em passados tão ultrapassados que a memória
deixou de fazer sentido. Sentir-se-á o hoje?
O agora? O aqui? Ninguém sabe. Fogem
os que fogem incapazes de resolver o problema.

28/9/2022

AS FÍMBRIAS DO INACONTECIMENTO

Nem sei se estou vivo neste despudor da dor,
a carne desvincula-se em doença e quem sofre
aspira somente a desaparecer no incumprimento.
O lado direito do ventre (o fígado? o colon?)
teima em atormentar-me as horas, ainda há pouco
sobejei no que sobrei, se faz sentido perceber
assim o incomensurável deslize do sofrimento.
Estou no outro lado da realidade, incapaz,
como tantas vezes, de compreender quem sou
quando sou tomado nas garras vulníficas
que me diluem no delido esboçar da apreensão.
O que é isto? Consultados os médicos, feitas
muitas análises, compreendo-me extemporâneo,
vivendo dimensões que odeio e alarmo, terei
um dia que morrer na agonia de quem não pode
despedir-se das coisas do mundo, da visão
sempre provisória que foi a paisagem inclusa
num pensamento eivado de laivos pérvios?
A dor doa a quem a suporta estados ctónicos
onde a humanidade se perde num desgosto vil
e aviltado, que biologia governa as acções
do homem, que fatalidade pervaga ainda
no desmedido desprazer de uma dor carnal?
Tento olhar desta portada existencial o descabido
fora que permanece em movimento seguro
e natural, terei a coragem de mentir uma alegria
fora de qualquer conteúdo sensível, ousarei
uma sensibilidade para conter em mim as faces
convulsas de uma dualidade dúplice e infesta?
O sofrimento da dor devasta a indecifrável
perplexidade do desconhecido, o que acontece
não tem a possibilidade de se abreviar num eu,
o real toca as fímbrias do inacontecimento.

9/10/2022

TEXTO E TESTEMUNHO

Mas persisto, tolo e obumbrado, nesta empresa que se apressa a introduzir no espaço soberbo da língua palilologias imparáveis, nado neste nada que nada deve à água, esperando um sol no fim de tudo isto, esta anacrônica essa onde deploro uma vida constantemente traumatizada pela dor. Importa não alcançar o que surge na lava quase semântica que já não produz nem retém o vário consolo de um esquecimento? A vida arrefece no que apaga, há um quadro, algures no tempo, que não se deixa mistificar pela inspiração, o eco de um outro mundo esvai-se em apoplexias raras, turbilhão de vozes estultificam a dúbia presença do que não sabe como se apresentar. Ausência, é o nome da coisa. De nada me vale semear sons no conglomerado infeliz da sorte, as estratégias confundem-se com a tática, é a guerra que solta as ferezas do instinto, mas como cercar o logro com uma razoabilidade vital? O pretexto, acaso que não se casa com o desejo nem traz o prazer aos sentidos, desconfigura-se quase anafórico por estar tão distante da metonímia, contiguidade onde as paixões humanas poderiam talvez servir de texto e de testemunho. A história do que é é inenarrável, nenhuma instituição saberia acolher o clangor selvagem da carne, ninguém, por mais simpático que seja, ousaria decalcar com pisadas amorosas ou inteligíveis a senda que se abre: lá onde vigora a tradução não há tempo de língua, nem as línguas seduzem o sofrimento apagando os percalços da convulsão. Só na alegria há amor, tudo o mais é compaixão ou sacrifício. Persisto contudo neste empreendimento, esperando um sol.

9/10/2022

SENTIR O QUE SE PRETENDE PENSAR

Chove tão pobremente em redor desta casa rústica que quase apetece sentir pobremente o que houver para ser sentido. Este sentido é ambíguo e enigmático, solta-se na consciência do momento como uma falha de um qualquer pensamento que ainda procura dizer do mundo o que nele sobra de desconhecido. Haver línguas que são muito mais felizes com este vocábulo! Um “unknown” conduz-me para uma outra dimensão da sensibilidade, como se a atitude e o gesto poréticos fossem mais convincentes na sua emoção movida pela etimologia de uma sensação que ignora o futuro da percepção, embora o problema na sua estupidez imperfeitamente concluída não possa explicitar a rara efervescência dum sentir. Ouvir é outra coisa, ouve-se enquanto chove pobremente nesta extensão do planeta a voz de Son House gravada pela história do blues. Que filho engendraria da arquitectura de uma casa esta música tão visceral, pelo menos para mim, pai e mãe de escritas imprevistas? Que nome de homem assim poderia existir nesta língua? Até o carvalho e mais a silva permanecem desconhecidos nas formas que crescem como duvidosos cogumelos da súbita comparação. Comparece diante de mim, agora, a luz da manhã musicada, apetece agarrá-la como quando se agarra uma mulher predisposta para uma eclosão de corpos e de apagamentos provisórios. Os blues não são plurais, são antes sucessivos na periclitante indiferença do tempo que passa atravessando guerras e outros sofrimentos divisados de longe. A liquidez da luminosidade acompanha um céu que se quer abrir entre nuvens compactas, a cor que se desbota traz ao momento um estranho envolvimento de beleza, mesmo se é difícil sentir o que se pretende pensar.

10/10/2022

A QUEDA BRUTAL DO AGUACEIRO

Escurece o ambiente, a casa tolhe-se e recolhe-se precipitada num medo obtuso e irreal, resta impecável o blues do delta que conheci nos anos oitenta, um sôfrego consolo quando se abeira a predisposição para a tristeza fria da atmosfera. Contra a voz que se alça no salão anfigúrico a visão inescapável de um silêncio larvar, levo alguns minutos a consentir esta dor tão metafísica que me ponho a rir só de escrever essa palavra. Sejam os cordatos, com ou sem coração, órgão essencial na manutenção de um privilégio insonte, viver neste preciso instante um instantâneo fugaz de uma revelação materialmente desconjuntada, imprecisos planos do real soletrando esboços e irresoluções que por vezes transformam o véu de uma existência no inferno. A respiração adusta coincide com a queda brutal das gotas da chuva, que bom, a chuva saciando a sede do terreno e das suas árvores. Caia no solo em estilicídios hiperbólicos essa água tão primeva como prístina, pudesse eu também cair em mim quando afloro a exterioridade das emoções galvanizadas. Nada como a chuva para apagar os incêndios infernais. A humidade nos meus dedos que dedilham teclas compara-se ao sentimento, tantas vezes ocluso, de que há no mundo dos sentidos os pressentidos sentidos de qualquer coisa que procura existir para lá da sua impossibilidade. O inefável insiste na apologia da afirmação, afirma-se tão evidente que se confunde com o indelével. Por lá passei, sempre aflito, sempre em estado de crise, ínstase de mim extasiando-se com a descoberta de nada. O que cerca acerta às vezes com o que se deseja.

10/10/2022

O APELO É VISCERAL

Ele descobre quase por acaso que estar vivo é uma maneira de desafiar o universo, a existência de escuridões celestiais, essas galáxias deturbadas por acontecimentos que nunca surgem como factos. Ele descobre que não faz sentido o que a sugestão trouxe ao pensamento. A memória, ou a falta dela, transformá-la-á numa inexistência nunca vivida ou pressuposta, mas é verdade que às vezes sinais de um outro clima sentimental eclodem sem ordem nem proveitos na consciência desflorada, dizer o indizível já foi uma proposta que não acalentou leitores nem configurações de humanidade. O fogo da intuição não é um fogo. É um passo avançado do compasso, uma disrupção aturdindo aquele que passeia pela passagem do tempo insustentável. Ele vertiginosamente teme as deambulações solares como as peripécias estáticas da estase, quem o leva pelo entrecho desses textos inapagáveis? Ignora. Ele aproxima-se tanto da catacrese que sente quase a adurência da carne, ser tautológico não lhe faz mal, o mal que mais o fere é quando o corpo próprio não se consente como o mesmo corpo de sempre. Ele deplora a rima fácil. Traduzido pelo que escreve sabe que não há nenhuma acuidade capaz, o suor da inteligência tenta muitas vezes avançar, os trilhos faltam. Perdido na truculência da perdição soçobra de redundância em redundância, o apelo é visceral, trazer ao que não é um ser tão recente que desfaça qualquer ideia de tempo, matemática ou imaginária. Imagens ascendem ao cataclismo da forma, fossos tão luxuriantes que antes e depois volatilizam-se em sonoros voos sem asas. O azar é-lhe tão íntimo como a sorte. Ele não entende a estadia terrestre.

10/10/2022

DE TENTATIVA EM TENTATIVA

Ele tenta, de tentativa em tentativa, estabelecer uma relação com o real, mas como, se ele não sabe o que é o real? Ele tenta fugir à tentação de escrever, mas como, se não há mais nada a fazer? Ele tenta desfazer-se da dor corporal, mas como, se aparentemente não se divisa uma palpável doença? Ele sente-se mal. Este mal nada tem de metafísico nem de transcendente, ínsito em plena carne, nas suas vísceras invisíveis a olho nu ou vestido, reside no lado direito do tronco onde lhe corresponde um fígado em certo sentido mitológico. Ele não concebe, nem saberia como fazê-lo, uma estratégia capaz de debelar a dor que se faz sentir ctónica como uma bomba relógio urdindo enigmas. Ele pensa sentir algures uma desrazão insolúvel, e esse algures é o seu corpo. Será? Ele duvida. Uma distância desmedida separa-o da dor, e, no entanto, ele tem de a sofrer como coisa banal, já habitual, transformando-o num prometeu indecoroso e revoltado com o que se apresenta como uma tentativa de destino. Ele tenta esquecer o que lhe acontece, o que sucede no tempo que passa, uma manhã temperada por um sol que, infelizmente, neste momento, nada lhe diz. Ao nada da alalia solar parece corresponder esse algo(s) de uma erudição caduca, o plural algumas vezes pode ser vulnífico. Ocluso nas suas entranhas estranha-se involuntariamente, será que só a crueldade da dor se aproxima da crueldade do real? Desmembrado pela ideia que explodiu na consciência fica-se pela janela esperando que a tormenta passe. Passará?

13/10/2022

A IGNORÂNCIA IGNORA O QUE SABE

Qualquer coisa está a acontecer e ele não sabe o que é. Esta ignorância actua como um espinho na sua sensibilidade, um medo inespecífico alarma-o numa indigência de percepções outras que as do seu próprio corpo. Ele sente-se reduzido às suas entranhas. A fenómenos de emergência tão inabituais que perde o sinal e a evidência da sua presença. Algo está mal. Inespecífico ele próprio, no silêncio perscrutante do apartamento, só, ele olha constrangido para a parede em frente e sente evoluir na tinta branca uma dispersão sem limites, um nada incompreensível. Estará a morrer? Não sabe. Reconhece a luz outonal que o abraça, a manhã não é mais uma manhã mitológica de qualquer personagem que possa inventar, a manhã abre-se na deiscência de um absoluto que ele aborrece, estará a morrer? Lembra-se de um verso terso de uma canção de Bob Dylan, “Is this the end?” Não se dirige a uma mãe. A quem se dirige? Ele não sabe. Será ao seu corpo? Estupidez! Abreviatura de si mesmo percorre com o olhar o branco em frente, será o fim esse branco? Entre a luz da manhã e o branco ele sente que nada sente, que o tempo das perguntas exauriu-se num simulacro abissal. A vida faz estranhas elaborações do mutismo, a música não paira feliz entre as fímbrias do tempo, ser, nascer, viver, morrer, a elipse inalcançável. O dizer não diz. A fala não fala. O sentimento escorre pela parede e pelo silêncio, o corpo ainda quente entenebrece-se de presságios, será agora? Ele não sabe. A ignorância ignora.

14/10/2022

A JANELA NADA REVELA DE NOVO

E, no entanto, ele alonga-se já sem perplexidade pela escrita da língua, indiferente à ávida velhice que se apoderou do corpo como da consciência, incompreendido e desmesurado, ousando gritar um impropério vulgívago, cantar um silêncio sem outros recursos que os da solidão acmástica e acusmática. Vozes febris de juventudes soam aos seus ouvidos impolutos, ainda há crianças na periferia das sensações, no acumular púvio de indistintas percepções confundindo-se ágeis com emoções incipientes, húmidas de nascença. A janela nada revela de novo. Vê os movimentos acelerados dos jovens que jogam, ouve as vozes inequívocas, um sorriso imanente e intraduzível deturpa-o, um regozijo inapreensível desborda da inclemência da crueldade, teria sido jovem alguma vez? Não se lembra. A memória inefável adormeceu no que aconteceu, o passado passará sempre como um agora. Mas é um prazer sentir a comoção inesperada. Pensa, algo embriagado, morri quando nasci. Percebe, mais um falhanço da acuidade imbecil. Sai da janela sem direcção, por onde vai não é uma opção, aleatório percorre arbitrário as dependências do apartamento, vivo aqui, sussurra mentalmente, as coisas, os objectos, este tudo de um todo, esta indisfarçável angústia perante uma morte vivida. Não recolhe uma dor que possa inserir-se no sofrimento, o corpo veste a ilusão de uma eternidade risível, o vazio imo imola-se numa dispersão sem barreiras augurais. Ele nada deseja. Nem o nada nem o tudo. No ser perdeu-se outrora, pensando que poderia auferir de uma paz. A paz guerreou-o implacavelmente.

14/10/2022

A SECA DA CHUVA

Como se já não bastasse o homem atmosférico surge, numa perspectiva sem horizontes, o rio atmosférico, com promessas explícitas de muita chuva. Não vejo nenhuma chuva, apenas a estafada morrinha caindo apática no solo desta povoação sedenta. Esta morrinha enganadora nunca dará forma a um mísero riacho, muito menos a um rio terrestre. Nem sequer a uma linha de água capaz de cativar os ouvidos atentos. Sol, nem vê-lo, diz o costume. Um azedo cinzento aspira a agravar as depressões da inflação económica, governos prometem dias melhores, ninguém acredita nessas promessas. Acreditar transformou-se num verbo complexo, jaz na língua como um passado religioso, fora das proporções contemporâneas. As sociedades não se socializam, o tempo passa e nele passam como fogachos esperanças de vida, de vida melhor, se possível. A pobreza fatídica impera sem se concluir num império. Não pode pois guerrear como tantos países o fazem dentro da lei dos mais fortes. Os pobres são portadores de fragilidades e de fraquezas, mudas bocas à espera de uma esmola milenar, sem saberem como resolver os seus problemas. A chuva não cai, poder-se-á contar com a muda natureza para se resolver os nossos problemas? A seca secou a inventividade dos povos, todos ignoram como trazer água potável à biologia humana. Alguns filtram o sal dos oceanos para restituir uma fonte, será tão difícil imitar esse sucesso? Afinal o planeta é mais oceanos que terra, onde paira o progresso insigne da tecnologia?

19/10/2022

A ECOLOGIA DOS CÍRCULOS VICIOSOS

Ele, que é homem, que é velho, que é, apesar de tudo, não sabe o que ser, como estar, que pensar, que sentir. Soltou-se da carcaça humana e agora vaga no vago estertor dos acontecimentos e dos fenômenos, fuga em frente sem memória de um qualquer atrás perverso. Ele não se compreende nem se aceita mundo, história de si mesmo passa pela história da convenção no voo de uma asa, no eco de um abafado grito. Ecologia, eis a palavra inulta, uma ausência de um conceito capaz de se imiscuir no absoluto luto da argumentação mais ou menos teórica, indiferente à voz filosófica. O amor é uma falácia, a sabedoria uma ilusão, só a violência vinga entre os que se pensam homens e mulheres, só a maldade consente os fundamentos de uma origem. Tudo o mais, ele convém, parece decorrer da demente sobrevivência, como permanecer na respiração fugaz de um minuto, arfando de medo e de suor, subsumindo uma imbecilidade sem limites. Há corpos assassinos. Há corpos de vítimas. E turbilhonadas movimentações aturdingo a mecânica do real, um ctônico caos urgindo sangue e pus e pestilência, planos imarcescíveis, pés ungidos pela cinza de cataclismos irreparáveis, fogos sem fumaça, imagens derrelictas tentando incentivar as imaginações simbólicas. Para quê? Ele ignora. Ele mal percebe o mal. Devolvido ao invólucro material da consciência, ele deplora a hora do seu advento, ele tartamudeia esboços de palavras, escorços de frases, devaneios de veios singulares, de que lhe serve? A dor do mal está lá, em redor, um círculo vicioso varando qualquer tentativa de panaceia. Confluindo à abertura do possível por vezes pressente um tempo assertivo, uma quase razão iluminando as peripécias sensitivas que subsistem nele, que é homem, que é velho, que é.

19/10/2022

ENTRE O QUEM E O QUE

Um silêncio superficial escorre crepitoso
pelo redor que me rodeia em cercos cada vez mais
deturbados, não tenho sentidos nem corpo
nem mente para retê-lo num centro centrífugo,
antes pressinto que sou levado por esse silêncio
para paragens insidiosas, ignorando como.
O real dissolve-se soturno em realidades avulsas,
as distâncias divergem e convergem, há um ritmo,
mas não é da música nem da emoção presente.
Um vaivém dissoluto toma-me nos seus braços,
quem sou não se define, há todo um espaço
impreciso pululando na ululação do silêncio
que pervaga descendo e subindo, alarme
de um perigo que me sacode nesse mesmo *me*
onde deveria conviver comigo. A língua procura
dizer o acontecimento de *mim*, não sinto
que seja capaz. O silêncio de tão superficial
advém ctónico, um terror de placas humanas
embatendo na possibilidade débil de um sentido,
estarei fora de mim? Como escapar ao sentimento
da sensibilidade comprometida, como sair
de *quem* aparentemente se transformou num *que*,
que mundo ousará ainda sobreviver no êxtase
que se evola num marasmo aracnídeo?
Haverá solução para o problema? O silêncio
assegura-se da compulsão que me invade,
que invasão é esta, e porquê? Que mal trabalhei
para agora não me poder extirpar das suas garras,
onde fui carrasco do destino, que palavras
proferi nas praças do convívio, deixei de ser
homem? Superficial e ctónico o silêncio à volta
solicita-me acções despropositadas, percorro
os limites da humanidade, onde me encontrarei?

24/10/2022

COMEÇOS QUE NÃO ALCANÇAM OS FINS

A identidade do id não é uma entidade emasculada, nem uma separação concomitante. Velhas teorias submergiram nos oceanos do tempo e das ilusões, resta aos que procuram sobreviver esquecer as tolices que governaram culturas e apetências de civilização. O futuro vive do presente. Toca em tangências suaves as contingências quotidianas, abrir um outro caminho poderá ser ou não a solução. O mundo, em berros inultos sacode-se como se quisesse desfazer-se, aflito, do mal, mas que comunidade reconhece o bem? As escolas só ensinam a obediência, tecnológicas antiguidades tentando sobreviver à passagem dos dias. Tudo o mais, dizem que é política. As cidades devoram populações entregues ao fascínio da acumulação, o ser não se opõe ao nada, esbarra com o tudo. Sentir deixou de interessar aos humanos. Desumanos vamos aceitando as ordens daquelas cegas inteligências apostadas em planos e planificações que sucumbem perante um real inapreensível. Tudo advém irremediável. Demasiado tarde para se voltar atrás, porque o atrás não está presente, foi-se, diluiu-se arquejante e deluso em algumas memórias que se pretendem históricas. Ninguém sabe o que é a história. Invenções passam por ser passado, feitos e efeitos de heróis, governantes do desgoverno e do assédio, esperanças de dias e noites melhores para os que sofrem insolvências dissolutas. A luta desapareceu no panorama contemporâneo. Conflitos há muitos, aqui e ali, que o globo engloba teratologias ora aparentemente emancipadoras, ora desvirtuadamente corruptas, as opções parecem nulas, ou escassas, ou descabidas. Manifestações estalam com mortos e feridos incapazes de combater a força da violência instituída pelo descaso das identidades.

24/10/2022

SHAKESPEARE E A ESTÉTICA DA ESTUPIDEZ

Sonhos fertilmente inespecíficos galvanizaram a noite do sono escasso, nunca atingindo a perplexidade do pesadelo, mas derivando de mutação em mutação como se houvesse filmes para serem devorados. Não me lembro do conteúdo que puderam sustentar. Recordo apenas a passagem de cenas umas atrás das outras, por vezes até parece que lampejos céleres ainda irrompem no nada onde se perderam, talvez por possuírem um atrevimento quase erótico, biologia retardada para quem envelheceu. A manhã molhada não me alvoroçou. Não ver a chuva caindo deixou-me sem emoções, com a impressão severa de ter chegado tarde. É da lei convencional, reiterada em livros mais ou menos civilizacionais, chegarmos ou cedo demais ou demasiado tarde, nunca há coincidência, a história enredada em misticismos esplenéticos, a ação indisposta por não atingir uma capacidade de solução para os problemas humanos. Todos sabem quais são, ninguém, porém, os menciona. Porquê? Tarde demais para uma elucidação. A acuidade jaz na inteligência como um cadáver, um significado sem referente, uma etimologia perdida nos sucessos do tempo. A escrita lê. A entrevista em enredos fáceis vende. Homens e mulheres, a humanidade, amam as historietas vividas como realidades, a história edaz onde estão inseridos é-lhes uma ilusão, desilusão de quem nasce para sofrer num, dizem os religiosos, vale de lágrimas. Para haver lágrimas é preciso água. Mas a seca ameaça. Será que num futuro hipotético nem sequer haverá a possibilidade de se chorar? Brinco. Não deveria fazê-lo? Talvez. O que sei eu do que deveria fazer? Até os sonhos nos são impostos. We are such stuff as dreams are made on: Disparates!

28/10/2022

ENCALHADO OU DESLIZANDO

E dizem que somos livres, só por podermos dizer mal dos outros, sobretudo dos que nos governam, ou explorar os fracos. Encalho. Avanço, ou parece que avanço, mas é só uma aparência. Estou encalhado, não progrido, as palavras desertam-me e fico um deserto de nada exposto à prolixa perplexidade da ocasião. Sempre aparentemente avançando neste porisma escrito como um engulho ou um espinho vulnífico dilacerando a carne estupefacta. Numa emoção enferma, deplorável. Faz-me mal trazer às costas as opiniões abalizadas dos outros, do mundo, dizemos nós, da língua que nos abrasa de certezas questionáveis. A verdade é esta: Encalhei. De nada me vale prosseguir este arrazoado, sei que estou parado. Não me movo. Trazer aqui, a este aqui problemático, temas que galvanizam a sociedade, não me leva a nada. No nada já eu estou. Encalhado. Sem nunca ter velejado, como Ulisses o fez, em barcos míticos, simbólicos. As mitologias falhadas, os símbolos agonizantes. Nada a fazer. Faço o nada quando posso, horas expressivas entregues à música dos sábios instrumentos, visualizando paradigmas felizes, estremecendo de prazer no conluio com o som. Depois, é o que é. A vida. Detesto, para não dizer, odeio, o que acabo de escrever. Já não estou encalhado, liberto do peso da cultura outramente contemporânea disponho-me no que desdubro, encapsulando agora lugares comuns consentidos pelo atrevimento da estupidez. Encalhado ou deslizando vou admitindo uma consciência aberta ao que advém, até que o porisma se acabe.

28/10/2022

MEDITAÇÃO PARA O PRÓXIMO INVERNO

Novembro não surge por acaso, mas é o acaso
que me traz até este dilúvio de amargura,
o apartamento dividido em compartimentos,
elementos bastantes para me sentir excluído.
A vida não é uma vela panda. A vida perde
pouco a pouco o pouco que me coube, iludir-me
numa sobrevivência que só me trouxe castigos.
Ignoro. Não sei o quê, mas ignoro. A falta
destitui-me como um falhanço ou uma falha,
não me pergunto se falhei na vida, a questão
estúpida e sem sentido, pergunto apenas
o que faço aqui, sobre esta terra impossível,
suportando a crueldade de sentir no corpo
o sofrimento que não me elucida nem educa.
Menti quando muitas vezes disse que estava
miraculado, de onde irrompeu a estultice,
que predisposição para o engano ascendia
em mim como uma chama aflogística, incapaz
de encontrar o fogo que a despertou? Ignoro.
Apalpei paredes à procura de uma escrita
que me reconhecesse, apenas o branco frio,
apenas o sentimento friável foram factos.
Um pensamento esférico, sem norte nem sul,
sem este nem oeste, um pensamento livre
que pudesse transformar as sensações avulsas
em percepções viáveis, uma ponte, a porta
para o outro lado do real, isento de qualquer
anseio de realidade, um amor, um carinho,
a felicidade. Ébrio de transportes descomunais
desenvolvi apenas a solidão de um planeta
inexplorado, fui selvagem e fui extraterrestre.
Compreendi a fértil contradição e apreendi
o paradoxo. Algumas vezes senti-me próximo.

1/11/2022

DIMENSÃO INCALCULÁVEL

Um sol vespéral, amarfanhado pelas nuvens
que o obliteram e dispersam, bate-me sorrateiro
na face envelhecida, terei coragem de viver
este conforto de sentidos? O silêncio é a música.
Há um coração batendo no meu peito, meteoro
visceral fingindo de relógio para um tempo
indefinido. Indefinido não aspiro ao confronto
de mim mesmo no sigilo vazio de mim próprio.
Sou um homem. A singeleza desta singularidade
alça-me a um contentamento longe da alegria
ou da tristeza, estou numa dimensão incalculável,
nem acima nem abaixo, nem longe nem perto,
apenas aberto ao sol como uma flor inebriada.
Abrir um caminho não é construir uma estrada.
É passar, apesar de tudo e de todos, de lugar
em lugar, de tempo em tempo, fazendo quase
sempre tempo. Faço tempo como quem descobre
que não espera. A morte encontrar-me-á absorto
na sensibilidade de um redor que me afagará,
estar vivo nada mais é do que aflorar um fim
em cada passagem. Passo siderado de acuidade
e lucidez, a agudeza do sol penetra as nuvens
como se houvesse motivo para um sorriso pleno.
Há. A luz não revolteia, antes alardeia o alarido
de uma paz acalmando-se, respirando ao som
do coração que ritma e rima com a sobriedade
explícita de uma citação que tardava. A tarde vem
de encontro ao meu corpo. Não fala, não diz, jaz
pacífica numa latitude do sentimento a acalantar.
Se soubesse cantar cantava-a. Não sei cantar.
Sei que soube e sei algumas coisas. Se bastaram
ou não, nesta aventura de ser, ignoro. Entre é
como sempre vivi, um coração palpitando sol.

1/11/2022

O SER NÃO CHEGA A SER

Ele, esse desconhecido, penetra nas cinzas da atmosfera matinal possuído por uma alegria incôndita, profuso em emoções desenganadas, sensível ao que se passa. Não se passa nada. Ele está convencido que a passagem não é só do tempo, algo de muito misterioso, se a palavra ainda sobrevive no mecanismo de hoje, ciciza sem uma verdadeira voz qualquer coisa, talvez um apelo sem que seja uma injunção, talvez um atrevimento sensual, o corpo desferindo acenos que ele não compreende. O corpo zela pela sua amizade, fá-lo esquecer do sofrimento infligido ao longo dos anos, talvez arrependido, talvez ferido pela sua incontinência arbitrária. Ele goza sentir que nada sente, que sente vez por outra uma elipse confundida em eclipse do que nunca soube ascender à realidade frágil do real. Ele não se entristece com a ausência do sol, essa falta imperdoável. Ele eleva-se a uma redundância do esplendor, aceitando tanto a inteligência como a estupidez do facto. Feito de efeitos contemporâneos lembra-se, condoído, das guerras que desgraçam, da fome que perpassa por inteiras populações da terra, da periclitante agência das nações divididas em culturas fundadas em orgulhos obsoletos mas ainda obscenos. Ele penetra os segredos que sabe não existirem, as falsidades da falácia, compungido, ciente da sua impotência inútil. O céu procura desenvencilhar-se do cinzento, a humanidade continua amarrada a conceitos que se julgam milenares. A natureza pervicaz não foi exemplo de nada. O ser não chega a ser.

2/11/2022

UM CASO DIGNO DE SER NARRADO

Ele vê, através da serenidade do fora, o sol tentando vir ao olhar, as nuvens esvaecem-se em letargias da forma, seduzidas membranas que povoam o azul em pinceladas amáveis. A janela não lhe desvela uma sensação sóbria ou contundente, o céu soletra uma silenciosa presença, não há país ou gente que se espelhe nessa imensidade. Nada do universo concede a ideia de um imperialismo, um fundo negro não permite pensar-se que se pode cegamente pensar. Ele vê, ou adivinha, um movimento quase invisível perpetrando-se na passagem do tempo, a manhã advirá tarde, a tarde noite. Entretanto, ele elege em apogeu duma elegia incompreensível e incompreendida a canção do momento, sussurra débitos de inusitadas palavras num mimetismo de istmos banhados por mares celulares. Imo, cerne, acme, sons outrora ouvidos em obaudições acusmáticas, ele confunde-se com as passagens ocorridas na nomenclatura insensível do globo, soube, pergunta-se indispensável, alguma vez, a vez que penetrava na intumescência das regiões palmilhadas? Sentiu por acaso a emergência do acaso como um caso digno de ser narrado? Ou só testemunhou acontecimentos, efeitos da percepção e da experiência das inaugurais coisas que dele se avizinhavam? Sem saber como conjugar uma opinião, um parecer? Ele tentou ser tentado pela tentação ideológica, não conseguiu. A mentira era-lhe um espinho visceral. A verdade uma impossibilidade. Ele teve que contentar-se com o que sentiu e doeu.

2/11/2022

ECOS DE UM FUTURO PASSADO

Ecoss de longínquos passados reverberam nos ouvidos
de hoje, frases fatais de profecias falhadas,
escombros de amálgamas assexuais, incertezas
introduzidas pela falta de memória. Os meus versos
são eivados de excrementos, ouço no apogeu
da hora, elações desmedidas, desmedidos enganos,
gritos insulsos e peremptórios cansaços,
desprovidos de quaisquer encantos subtis. Ecoss
translúcidos e tacitífuos, sem camena não sei
como poetizar a vida, transfigurar o real em mito
paradisiáco, quem os soltou que não vejo uma parede
suficientemente larga para os remover do silêncio?
Teria sido eu? Onde? Em que começo de vida?
Em que papel urdido da escória dos dias rotineiros?
Serei um outro? Um outro quê? Homens
e mulheres passaram por mim, ter-me-iam reconhecido?
Em que corpo sobrevivo, respiro? Ouço, ecoss, ecoss,
sem camena, sem camena, teria sido romano,
ter-me-ia enganado de época para viver?
Vim ao mundo? Nasci? Vivi? Morrerei? Ecoss,
desperdícios, farragem promíscua de sensaborias,
e depois, e depois? Que drama se encena nesta eclosão
de visões hematóides num tempo insano, hoje,
outrora? Soube resistir ao destempero da história?
Obsessivos impulsos de sibilinos rasgos, eis-me
incapaz de identificação, o que é isto, que experiência
se atreve a tolerar-me, estarei perdido? Perco
pouco a pouco a condição humana? Serei um alvo? Quem
ousará seguir este trilho devassado pelo medo,
pela indecisão, pelo temor de que o horror subtraia
ao terror a sua parte? Parto parti, ouvi frases monstruosas,
quem se interpôs entre mim e a felicidade, quem
me aterra neste enredo orquestrado por ecoss inefáveis?

2/11/2022

EXPLÍCITO NA EXPRESSÃO DO CAOS

Esta luz desprotege-me de tanto evidenciar
uma euforia climatérica, vou de onde voo
ao onde me agacho, acharei alguma coisa
nesta evidência perspícua? Provo sensual
o calor que se infiltra neste quarto, o sul
não é uma miragem, uma outra margem,
o sul soletra uma carícia a toda a prova, é
sempre no lugar comum que a língua arfa.
Não há corpo que resista ao fascínio da luz,
as coisas parecem arquejar de incidência,
que ciência renunciaria à sua tecnologia?
Quem escreveu este pedaço de frase? Eu?
Não pode ser. Posso ser tudo e nada, a voz
atrofa em singultos nefastos, este clangor
não define nenhuma dor, esta rima estima
que a realidade foge muitas vezes ao real.
Voo vulgívago pelos meandros de um rio
obsceno, o porisma estarrece confrontado
com tanta liberdade, que valor no sufrágio
da falsidade, a ilusão consentida como auge,
ou terapia, ou mesmo remédio? Alago-me
de especulações timoratas, adventícias, eis
onde a água deixa de ser líquida na intenção
obscura de me liquidar. Serei alguma vez
explícito na expressão de um caos ctônico
saldando-se por um estranho saldo? Solto
na deiscência de uma sensibilidade atônica
procuro mesmo assim cair no chão, sentir
sob os meus pés a terra onde habito, algo
súbito num arrepio ocluso em halos lábeis
da carne viciada pelo corpo próprio. Fujo
da luz que amo, a vesânia não me é salutar,
saio da janela e reencontro-me nas palavras.

2/11/2022

UM *CARPE DIEM* NA ÉPOCA DOS MERCADOS

Cansado de ir às compras, Lidl, o alvo obsceno, e está tudo mais caro. O capitalismo é assim, de dez em dez anos prega-nos estas partidas. Tanta gente inteligente vivendo neste mundo, que não há outro, e nada. Ninguém, parece-me, consegue ir além das leis da economia, tudo é mercado, eu fico-me pelo Lidl. Comprei pão, cinco postas de pescada importada do Chile, uma garrafa de vinho para sujar as castanhas da noite de São Martinho. Rosário, o rótulo, a quase quase dois euros. Um e noventa e nove. A dificuldade que o capitalismo tem de fazer contas arredondadas. Ou estratégia para se ficar com o um e qualquer coisa na cabeça? Quase quase a chegar ao dois. Mas gosto deste vinho baratucho. Um dia dei-me à pachorra de saber quais as castas que o incorporam. Castelão, Touriga Nacional, Syrat e Cabernet Sauvignon. Fiquei siderado. As papilas gustativas sugeriam o espelho do que talvez seja. Meio português, meio estrangeirado. Há verdades tão realistas que nem precisam de ser comprovadas. Provei por acaso este vinho, e elucidei-me. Compro-o de vez em quando, quando preciso de passar muito ligeiramente por uma embriaguez tépida, terapêutica, prazenteira: Obumbrar a vidinha. Sob o capitalismo. Houve épocas atravessadas por acontecimentos ditos civilizacionais, claro que nunca acreditei no conceito de civilização, mas enfim, a pergunta será esta: o que trouxe o capitalismo à felicidade das pessoas? Paz, amor, amizade, cooperação? Um Ricardo Reis que nunca existiu impregna-me de estoicismo.

7/11/2022

TUDO É PROVISÓRIO

Cai, quase metódica e esurina, a chuva espessa que me contenta, estará a cair no terreno interruptamente abandonado? Fica a dez quilómetros de distância deste bairro suburbano, mas as nuvens não são tão caprichosas como os humanos?

Chove no recreio da escola, mesmo em frente da janela onde me encontro, esta chuva consistente, perdurando já há vários minutos, perdendo-se no asfalto que a canaliza para os pontos mais baixos da superfície viária, engolfando-se em bueiros civilizadamente expostos nas tarjetas camarárias.

Chove, chove, instigo intimamente mudo a chuva que cai, até quando? Tudo é provisório.

Mas a janela que me revela o que acontece fora do apartamento parece permanecer dia após dia, virada para o sul enche-se de sol vespéral quando os dias não são liquefeitos ou molhados.

Estará também a chover na horta deficiente que fabriquei com o suor do meu rosto? Suor do meu rosto? Cheira-me a plágio. Os lugares são tão pouco comuns que às vezes apetece infringir as leis da escrita com banalidades originais.

Revejo mentalmente essa horta hoje especialmente instigada com couves galegas, as portuguesas, que chatice, definharam. São uma sombra rasteira de talos, essas bandeiras de pátrias estagnadas na obsolescência festejada. Teria dito melhor se empregasse a palavra senescência? Melhor ou pior são termos perigosos, convenções da gramática que procura fazer de quem escreve um escravo da lei. Já a leitura é outra coisa. Leio esta chuva que cai como se fosse uma narrativa passageira, que espera não ficar nos anais das literaturas premiadas.

8/11/2022

NA SUA NUDEZ MAIS SIMPLÉCTICA

Nunca me cansarei desta luz líquida, molhada, trespassando membranas vítreas de emoções desencontradas, invisuais, ou então fazendo da distância uma presença tão desmesurada que pensamos sentir em nós um fluido voando para outras incomensuráveis realidades. Entre cá e lá o vento da lucidez aflora o que desflora, as convicções rejeitadas pela história acerba de nada que se elevaram como consciência. Esta luz traduz um dessentido gravitacional, algo subjaz no silêncio que renunciou ao som de uma música inexpressiva e complacente. A estesia não se faz estética, arfa no volume das sensações incatalogáveis, o corpo sente uma dimensão tão material que quem o vive convence-se de que nada poderá ficar do zelo da experiência transponível na transformação de uma palíngenesia e de um avatar. Esta luz reduz quem é e está a uma silhueta avultada, produz no fora divergente espelhos esféricos onde uma filosofia pretende ascender à língua. Será possível uma verdade da luz? Fazer dela uma janela onde olhar signifique ver, e estar não se afole com a ausência do ser? Ninguém sabe. Não se trata de conhecimento respirar uma atmosfera ou coincidir com um espreque do clima, cabe-nos a todos respeitar a forma de um conteúdo contido na paisagem terrestre. Esta luz liberta no seu calor as rugas do rosto vivido sem destino nem fatalidade, quem terá a coragem de a gozar como nua efemeridade, na sua nudez mais simpléctica? O complexo diálogo com esta luz líquida exige a porética.

8/11/2022

UM SILÊNCIO ADUSTO E DATADO

Silencioso como um simulacro ele aproxima-se
catacrético da luz cinzenta que extroverte
a janela como introverte uma virtual página.
Ele ignora o que fazer. Dessa cor. O fora
fura uma sensação quase absurda de que está,
o dentro é um quarto de um apartamento.
Ele, singelamente aflito, espera. Algo tem que
ser dito, mas ele ignora. Ter que, devora-o.
Passa os olhos pelas frondes estáticas, passa
os olhos pelas estantes coloridas de livros,
ele acontece num estado perplexo, processando
palavras insonoras na sua consciência breve.
Apetece-lhe fazer uma pergunta, ela aflora viva
como uma intuição profana, de tão repetida
tornou-se uma obscenidade. Não há um drama
que o elucide, uma comédia que se devolva
num cascalhar. A experiência pensada humana
evita-o ao ponto de se desmembrar em actos
falhados. A falha configura o falhanço, estará
para lá de si a possibilidade de ser possível?
Silencioso como uma mudez atávica pressente
que não sabe sentir, que nunca soube nadar
de emoção em emoção, de percalço em percalço.
Ele ignora se vive, se viveu, se viverá. A dor
enclausurada na fragilidade do desgosto aposta
em o prostrar diante da janela para receber
o cinzento incapaz de o cinzelar numa forma,
num formato. A paz respira, essa inesperada
sobrevivência de uma essa antiquíssima, odor
de fumos que ele odeia. Ele ouve o que vê
e vê apenas o que há. À sua frente, aos lados.
A presença do mundo é uma ausência edaz,
a presença de si um silêncio adusto e datado.

14/11/2022

A INCAPACIDADE DO PENSAMENTO

Seu corpo deblatera, erros de sensibilidade procuram ainda acalentar um alcance, articular uma música com uma sonoridade, resta-lhe réstia de nada o abrasador testemunho de uma velhice que não pertence a ninguém. Ninguém é mais do que ele, um homem. Desistiu de subir ou descer escadas, de chamar, exortando-os, os vizinhos herdeiros da aventura terrestre, a fome limita-se a queixas e queixumes, na rua da cidade policiada ninguém tem a coragem de destruir a miséria, o mal-estar da pobreza. O destino da escravidão. No campo o hábito passado de mão em mão em gerações evasivas conflui em hortas da subsistência, há um fogo na lareira enegrecida, uma solidão colmatada. Recessões disto e daquilo são espectáculos de poderes abrasivos, quem mais ordena odeia fazer contas. O mundo poderia ser melhor, diz a utopia, o mundo poderia ser muito pior, cicia o realista. As inflações surgem e desaparecem, de onde vieram, para onde vão? Ciclos, ciclos, explica a filosofia da economia, mas tanta rima empobrece qualquer ideia de uma grandeza artística e genial. Pobres e ricos, a banalidade não se cansa de se furtar ao furto. Adoradores da inteligência evidenciam o seu saber, apontam saídas para o que nunca teve entradas, alguém estará à altura do problema? Pergunta estulta, quem a fez? A foz do rio não encontra o mar. As secas secam os corpos de milhões de seres, esqueletos à procura da sua carne. O progresso progrediu tanto que deixou no chão as sombras dos que poderiam ter sido no que não foram.

14/11/2022

A COMPANHIA DE UMA IMPOSSÍVEL FAMÍLIA

Dessolado, desbussolado, sofro a desolação
como uma ausência do sol, faz hoje quase uma semana.
Mal consigo respirar. Ínsito num poço sem fundo
não posso fundamentar uma acção, um sentimento,
a sensibilidade atordoada com este miserável céu despejando
alguma chuva na superfície encharcada da terra.
O cinzento não me deixa respirar. Sem a luz do sol,
sem o calor do sol, sobrevivo apenas para sentir o sofrimento
de inacontecimentos, de inultrapassáveis passagens
para nenhum lado. Balbucio apenas línguas fictícias
que ascendem à voz deplorável, nenhuma cultura humana
me atura ou me absolve no que me dissolve, esta falta
de luz, de um azul celeste que me dê a sensação
de que há aberturas e horizontes tão distantes
como o universo. Se ao menos a chuva fosse convincente.
Não é. Farrapos de minúsculas partículas líquidas
esvoaçam antes de chocarem com a superfície terrestre,
não dá gosto nem prazer vê-la caindo, a esta chuva
despojada de batalhas ou de atrevimentos atmosféricos.
Estou perdido, repete-me a percepção do momento.
Sem perdição nem perda, perco-me, contudo, neste tudo
que poderia ser inaugural. Não é. A sensação de um fim
fere-me, insalubre e vazio e mudo mudo meu corpo
na procura de outras dimensões carnis, mas não há apoio,
convencimento, certeza no que faço. Definho. O sol
existe, o sol existe, alguém persiste em cicizar aos ouvidos
que não reconheço, estarei a ser um outro? Alienado
nado numa menos que obsessão, quanto tempo
ainda sem luz, sem calor? Serei, a inocência achada,
um alienígena? Não, não, tive pais terrestres, houve
uma casa, uma infância, uma história pessoal, mas que sol
ou a sua ausência me impõe este desleixo dos sentidos,
por que sofro sem a companhia do que nunca me foi familiar?

17/11/2022

A FOME COMO ORIGEM DA HUMANIDADE

Ninguém se atreve a ser ninguém, nada, nenhuma coisa. Todos procuramos a cura para uma existência imposta. Ter nascido dá-nos a verdade e o estatuto de alguém que nasceu. Entre o alguém e o ninguém escabujamos, títeres civilizados convencidos de que tudo faz sentido, de que nada nos pode deter na aventura de uma irrupção. Não há ninguém que não tivesse uma mãe. Irrompemos como balas de um canhão, gritamos apoteoses do ser, contentes ou estarrecidos? Ignoramos. Dar à pressuposta fome a forma de um peito é um gesto talvez milenar. Sobreviveremos? Muitos perecem algumas horas depois de desentranhados. Muitos mais depois de alguns anos. Moral da história? A história, a pessoal e a comunitária. Tudo o mais dilui-se na azáfama, encontrar comida, iludir a fome. O começo de tudo, o espelho de tudo, a explicação de tudo: a fome. Alguém, é a pergunta inútil, poderá viver sem comer? Ninguém. A história da humanidade não tem segredos, nem vicissitudes, nem filosofias, nem ciências: a fome é mais do que um facto. É a origem. Sem precisar de uma ideologia que a justifique. Expulsos do paraíso, explicações que foram religiosas, quando na realidade se poderia dizer, muito simplesmente, expulsos do ventre materno. A fome. Tudo o mais está a mais. As fábulas que entretemos, os estudos das origens das humanidades, das civilizações, haverá um estudo sobre a fome? Ignoro. Não a fome que prevalece em forma de pobreza social, não a fome que pervaga em regiões da terra, milhares de homens e de mulheres e de crianças perecendo diante dos olhos compungidos da fartura, como se não tivessem irrompido de um ventre. Nenhum privilegiado se sente privilegiado, todos acham que merecem o poder de matar a fome todos os dias. Matar não é um verbo fatal, a fome consente-o como preservação da espécie. Da humanidade.

17/11/2022

NO ENLEIO VISÍVEL DO QUE HÁ

Eclipsado pelo texto anterior, imbecilizado pelo que ouviu dizer ao dizer invisível da língua, ele prefere aproveitar a breve boa aberta para sentir no corpo todo o sol que o liberta, no olhar toda a luminosidade que o cega de alegria. Não tem tempo para flostrias. Suga essa eclosão de luz por espaços interruptos de um tempo líquido, molhado, como se ao princípio não correspondesse um princípio ou um começo, mas uma mentira solar: sentir. Sentir que se pode sentir. Que o corpo pode ser bafejado por festejos de festas e carícias e blandícias, apogeus de auges tão translúcidos que o próprio corpo quase advém uma transparência elícita de nada. Atmosferas sem paisagem atordoam o céu revoltado e revoltado, são espessas as nuvens brancas que se amontoam em sucessivas formas da deformidade volúvel que passa. Não há mundo nesse decorrer vaporoso, batido pelo sol aracnídeo, não há terra inviolável. Não haver agora uma música que expunja do silêncio a sua violência tutelar, não saber como adejar sem asas pelas imensas metamorfoses que galvanizam palingenesias auspiciosas e renováveis! Chamar beleza ao que sucede fará algum sentido? Sentido pela ignorância de não haver uma resposta repõe sua lucidez sobre a superfície nua das coisas cintilantes e deixa-se ficar absorto e imóvel tanto quanto durar a luminosidade. Haverá um fim, está certo, mas entretanto cabe-lhe palpitar no enleio visível do que há.

17/11/2022

PLÁGIOS DESCARADOS, OU NÃO

Tarde tão adjacente que nem me sinto
homem nem gente, o calor apaga qualquer
dor que me queira visitar. Não estou
para ninguém, dir-se-ia outrora. Agora,
apanhado de surpresa pelo que acontece,
aconteço-me tão sorrateiramente que não consigo
dar conta de mim. Onde estou? Onde vivo?
Em que paragem da terra? Ninguém responde.
Melhor assim. Deve haver uma distância
algures, entre quem sou e não fui,
ou fui sem saber que era. Tardo nesta tarde
aluvial, alivio-me do peso milenar
da experiência humana, serei por isso
menos humano? Não me interessa saber
quem sou, de onde vim, para onde vou, estou
nesta tarde tão inaugural que algo se precipita,
uma aluvião, um magma, uma corrente
de água a fingir que é sangue onde se pode
nadar. Nada como a ignorância. Qual
estúpido e autoritário “conhece-te a ti mesmo”
de velhas filosofias castradoras! Passa, nada
nesse metafórico rio, afoga-te no fogo
da lava, lava-te de toda a porcaria veiculada
pela tradição, ocidental como oriental.
A sensibilidade esférica não possui
coordenadas, tudo é tudo, nada é nada,
e isso basta. Sofres? Às vezes. Gozas? Às vezes.
Entretanto arvora-te no desconhecido, segredo
de quem és identificando-se com o espelho
do que passa. És passagem. És aragem.
E o mundo? Que mundo, que não dou por ele?
E a terra? Tenho-a mesmo debaixo dos pés.
E os outros? Às vezes sinto que são outra gente.

17/11/2022

UM CORPO CADÁVER

Miserabilizado pelos acontecimentos mundiais,
guerras e fomes e manifestações actuando visíveis
em noticiários mais televisivos que radiofônicos,
fico paralisado, sem saber o que pensar ou o que fazer,
atónito com o teatro do mundo que se envagina
em sentidos incapazes de atingirem uma sensibilidade
para a harmonia e o bem-estar. De tão longe
que estou desses acontecimentos pretendendo
sem dúvida advir história ou episódios mais ou menos
civilizacionais, manifesto um horror tão sideral
que me é quase impossível pensar que sou humano.
O real transborda de realidades e de irrealidades,
surto disto e daquilo, agora um vírus, ontem
uma bactéria, mas é a fome que me consome homem
que não sou, afinal, para todas as estações. O erro
nem sempre erra. Muitas vezes assassina e destrói
milhões e milhões de homens e de mulheres
e de crianças, numa vesânia parodiando a insanidade
de doenças milenares, paranóias insubstanciais,
nevroses anistóricas, medos medusados por extensões
de percepções que não admitem nenhuma emoção
salvadora. O mal existe. Outros diriam, o mal
persiste na sua náusea vagamente reconhecida, ciclos
de loucura abreviam a experiência dos testemunhos
que serão postergados para a escória da memória.
Há línguas que sabem lidar com a contingência mais
porética que filosófica, mas de que servem?
Que bondade transportam para serem diferentes
das alegorias das figuras retóricas? Sinto-me mal.
Somatizo tudo que é ferida e violência, um espanto
ter chegado a esta idade. Já deveria, há muito,
estar morto. E não estarei? Não serei mais um corpo
cadáver como aqueles que as notícias publicitam?

28/11/2022

GARRAS DE PODERES PROFUNDOS

Deixemos as visões de um tempo insano,
percamos o olhar neste redor arborescente,
no chão toldado de um verde vegetativo,
nas macieiras que resistem ao quase inverno
com as folhas que acalentaram na primavera.
Deixemos de ser para ser. Dou passos perdidos
e pacíficos na humidade destas ervas sazonais,
como conseguem as suas sementes sobreviver
à aridez e à ardência do estio? Um mistério.
Não há mistério nenhum nas guerras. Garras
de poderes profundos levantam-se odiosas
para devastarem a humanidade e o mundo.
E o mundo mudo. Ou só vozes longínquas
deplorando os acontecimentos apocalípticos
do que não lhes é experiência. O sofrimento
não é planetário. O globo traduz a ficção
de uma esfera de influências, a geografia
política não ousa um chão nem pôr pés justos
sobre as ervas verdes e talvez daninhas. Danos
estimam-se todos os dias, estatísticas, estudos,
inteligências procurando adivinhar o que vai
na cabeça do inimigo. Não vai nada. O mal,
como o bem, é uma superfície exterior explícita,
não necessita de intimidades ou privacidades
para explodir sobre as cabeças espavoridas
dos que só podem fugir para frios subterrâneos
do real. O real não se realiza em realidades
suportáveis, retumba de pavor e de estrupido,
esses clangores subsumindo-se em lágrimas
enfraquecidas. Não há água que aguarde o choro.
Assim vai o que vem com a naturalidade vígil
do que sempre foi, violência e morte desavinda.
Não há fala que resista à brutalidade do caos.

28/11/2022

A DISPERSÃO DISRUPTIVA

Expungido de mim próprio explícito e enceno um partícipio que de passado não tem nada de próprio, embora se possa exarar uma outra opinião. Não o faço porque o importante neste momento é o mim talvez impróprio, dadas as circunstâncias e a ocasião. Deixei de compreender o que estou a escrever, fará sentido sentir que algo está mal, uma coisa talvez insignificante apropriando-se da lucidez que qualquer consciência encerra no seu bojo? Estou ainda mais confuso. Que quer dizer o dizer? Que a escrita escreve? Expelido de uma qualquer escola filosófica, releio atentamente o que foi escrito, um esforço todo intelectual da minha parte, ponto talvez de partida para um novo significante. Mas não. A interdição dita-me sussurros mussitados em outras línguas, onde quero chegar? Cheguei? Já? Mas como? Expondo-me ao descalabro do arrazoadado que perde a sua razão de ser todo eu me esboroo numa aflição insolúvel, onde o porto de abrigo? Nem porto nem porta por onde possa sair deste enredado eclipse, não ser sol para me evadir nos confins frios do universo, não ser luz para iluminar o fim! Pluriverso instigo-me, avança, avança, sempre em frente, não importa o lodo nem o marasmo do pântano onde caíste, pé ante pé calcorreia esses limites da transcendência especulativa, só tu sabes de que emoção vives, ninguém suspeita uma sensibilidade sibilina no alçar de uma frase sempre provisória e anistórica, ninguém se atreverá a interpretar a dispersão.

29/11/2022

O PRESENTE DA PRESENÇA

Nem música nem leitura, apenas um sono sonâmbulo urdindo estratégias que me levam a percorrer o sul do apartamento iluminado com uma lucidez que me transforma em acuidade. Esta presença dilatada do sol inebria-me, faz-me imaginar outras possibilidades de vida, de beleza, de humanidade. Esta cor indissolúvel espaiando como um corpo de mulher aberto ao desejo de mundo e de terra, entrar nem que seja por um segundo no mistério absurdo desta hora, independente de qualquer ideia de eternidade. O tempo da ilusão extinguiu-se no espaço da contemporaneidade, mas a atração existe, irromper silencioso como um nada nesta nodosa metamorfose das formas, corpo de ninguém assumindo a prosperidade de um homem. É uma solidão, esta luz ferina e fértil. Mas uma solidão estranhamente acompanhada de uma suspeita, aqui respira um ser humano, aqui o humano não administra uma teoria ou uma ideologia, insere-se antes neste diapasão que faz o silêncio quase soar. Existo. Existe alguém em mim, não é o logro inútil de uma identidade, de uma pertença, o futuro soletra a sua língua desconhecida como um furo na incerteza do que advém, e advindo faz-se presença na respiração do ávido tempo que se ultrapassa. A morte não está longe, nunca está longe do prazer de viver outra coisa diferente do marasmo da história, acontece como se o pressentimento não tivesse lugar, sítio inescapável competindo com a brevidade do que é uma alegria simplesmente extemporânea.

1/12/2022

A PALAVRA MAIS TORPE

Quase diagonal a sensibilidade permite-se sentir uma existência porética, há poros em toda a pele que sucumbe ao calor das perspectivas ingênuas da relatividade sensual. Uma preguiça intrépida espreguiça-se nos limites da possibilidade, a luz desvirtua qualquer contemporaneidade, o corpo procura, mas ignora o que deseja, não comporta um poder que ultrapasse a ilusão da posse, solto na carne é um fito sem fundamento. Ir ao fundo e encontrar um mundo, pede a hora, navegando pelo suor que alaga a visão de peripécias lentas como a ideia de uma mais eficaz humidade. Ser não deveria ser uma decepção medíocre, acéfala. Ser deveria coincidir com o estar, o indecifrável bem-estar tão difícil de alcançar. Há sentimentos que iludem os sentidos, às vezes chega-se quase à conclusão que a felicidade é um estado, de quê é a incógnita, desaparecida a alma. Entre a perda e a perdição estabeleceu-se uma amizade cenosa, ninguém questiona a razão de ser do ser do nada, todos aproveitam a distração das tarefas diárias para não terem que enfrentar a realidade do real. A vida é uma pele sedosa seduzindo as imagens absorvidas pelo olhar, quem absolve. Porém, a dor que nos desarticula em cataclismos e debandadas, as virtualidades esvaecidas numa depressão onde ecoa a alienação e o desvairo? Fingimos ungidos de escapatórias que singramos, mas o mar secou, deixando apenas no que foi um fundo as pegadas de naufrágios. Esbracejamos. Rastejamos. Quem pode manda, dizemos, arvorados civilizadamente em fatalidades. Sempre foi assim, ensina o temor, sempre será assim. Assim é a palavra mais torpe.

1/12/2022

NA INSOLVÊNCIA DA HUMANIDADE

Não há fim que absolva. Não há fim
que possa simular um qualquer começo.
Começou há muito o que ainda não pereceu
às mãos do tempo. Eu. Instigado pelo acaso
acumulei notícias tristes e alegres da terra
e do mundo, incapaz de compreendê-las.
Notas sempre abreviadas, momentos
de escapes sem possível escapatória,
a memória sempre do presente perculso
na vivência de experiências quase humanas.
Ouvi e vi, teria alguma vez sucumbido
à beleza dos que falavam das virtualidades
de visões que se pretendiam próximas
do real? Ideias sulcaram-me a acuidade
da possível consciência, o corpo esfarelava
o que podiam trazer de original. Sofri.
Sofro. Ignorando porquê. Este porquê fala
por mim como se eu fosse seu escravo,
ou escriba, ou escrevedor. Soltei gritos
nunca detectados na história das ciências,
as religiões não me anunciaram, a arte
desiludiu-se com a banalidade da proposta:
testemunhar a existência de um homem.
Nem técnica nem poder souberam atrair
meus passos desconchavados, passei passo
a passo pela mediocridade contemporânea,
não fui contemporâneo. Fui o longe, eco
de um perto perdido nas contingências
do que muitos ainda pensam que é a sorte,
sujeito a privações, incalculável de zelos
esporádicos. Tendo em frente, sempre,
um fim, talvez também uma finalidade:
sobreviver na insolvência da humanidade.

29/12/ 2022

NA CASA SILENCIOSA

SUBSÍDIO ANTIQUISSÍMO
PARA UMA PORÉTICA
BIPOLAR

Homenagem a Robert Lowell que também
conheceu algumas casas silenciosas.

NA CASA SILENCIOSA

Na casa silenciosa alguém vagueia,
um homem perdido na sua vaga teia,
um homem achado no mundo vago
do sofrimento, espelho para um lago
que não existe mais. Um homem ido
de um lugar para outro lugar, percorrido
de mil indícios, de mil divagações,
olho esférico de todas as impressões
que ascendem diluídas ao impávido
cimo de uma luz cega no seu nó ávido.

Na casa silenciosa suspira-se mal
a visão profunda do céu outonal,
um homem desprende-se da hora
como se conhecesse a fundo o fora
onde cai desmedido e sem ajuda,
longe de si como da auréola bojuda
que lhe determina os passos ele vai
até onde o sentido da vida abstrai
um pensamento capaz de reflectir
o mundo como também o sentir.

8-2-2002

QUE HEI-DE FAZER?

Que hei-de fazer? Se viver é assim e é sofrer,
que hei-de fazer? As horas da tarde não passam
nem ultrapassam o sentido do tempo, as horas
deixam-se ficar pelos seus minutos longos,
sessenta segundos de uma vida que ignora
onde se desconhecer para poder se achar.
Que hei-de fazer? Nada mais há a dizer,
diz quem pode quando pode da vida viver
o que lhe advém, mas isto que acontece
não tem princípio nem fim, não tem lados
onde um sentimento possa sobreviver a bem
ou a mal. A língua já não se deixa acometer
em rasgos de génio ou de delírio, a língua
agora é como um mundo que perdeu o fundo
ou o seu próprio som. Resta apenas o gesto
sem sentido, o silêncio das coisas nas coisas
que passam sem que haja uma passagem
para o outro lado. Tudo é tudo, tudo é nada.

8-2-2002

ESTA MÚSICA

Ei-la pois que chega, esta música silenciosa
até onde não há mais quem a ouça ou a preveja,
esta música de vozes insuspeitas supurando
hinos de uma sensibilidade nunca encontrada.
Ela avança pela manhã como um sol seguro
da sua existência, ela avança como mãos nuas
que há muito deixaram de se saber encontrar.
Enquanto a luz calmamente rodopia no acme
do seu fulgor, afinal a manhã é uma presença
quase amistosa, uma efervescência de signos
tentando significar a própria natureza do que é.
É assim que não se vive, isto são só palavras,
outra coisa acontece, mas que dizer de uma dor
que pervaga até fazer-se doer no vazio calmo
de uma consciência que não sabe mais como ser?
Viver, viver, foi a apetência, sê-lo-á ainda agora?
Não há resposta. Não saber é sem dúvida o único
saber, parco pergaminho onde não se vislumbra
nenhum caminho nem nenhuma senda: viver
decompõe-se pois e mais uma vez em vir e ver,
mas ver o quê? Que não há futuro na aposta.
Só dias que passam, dias de uma monotonia
que abrasa, dias onde o silêncio se faz música
e a música se apaga numa impossibilidade.

9-2-2002

CANSAR-ME

Cansar-me, cansar-me em palavras que sobem à consciência como explosões de um presente passando de tempo em tempo no tempo isento da passagem, este jogo incapaz de ser jogado por quem sente que perde na língua a aliança que sempre manteve desde que se conhece. Cansar-me palavra a palavra no fluxo sonoro do que advém, sentir-me uma outra língua adejando na perplexidade de novos sentidos, a corrente passando pelo que resiste homem depois de tantos anos de luta tentando dizer um ser que se aproximasse da vera verdade. Cansar-me até não mais poder sentir a carne onde se dói, esta terapia que fustiga o sentido de uma tragédia e traz ao olhar a serenidade de um momento perfeito, acabado em serena luz ou completo na iminência de um achado.

9-2-2002

ENQUANTO A MANHÃ PASSA

Enquanto a manhã passa e nela se traça um perfil de coisa que acontece, este tempo sem essência buscando um esplendor ou uma amostra do mistério que sempre será escrever enquanto se é ser sendo na concomitância contígua do tempo que passa. Não é a genialidade que fala, nem tão-pouco o saber do que se ignora, é uma prática praticando-se ágil como a mais frágil de todas as características humanas, esta maneira inadvertida de se fazer a união sábia com o que existe, com o que é, com o que está. Enquanto a manhã demora pelos interstícios da luz, esta superfície onde uma língua outra se desconhece de tanto aparecer a um primeiro olhar. Que dizer do que é? Que verdade instaurar?

9-2-2002

E DEPOIS?

E depois de ter ouvido o que o dia se dispõe a dizer, que mais dizer? Dizer luz não significa que se viva na transcendência, dizer manhã é a pura das verdades. Mas, e depois? Depois do que é, do que existe, onde há uma outra coisa, essa coisa de que não se fala, essa coisa de que não se sabe falar? Aí é onde a onda refulge no torvelinho da sua fulgência, aí é o lugar sem lugar do não-mundo, esse disparate escatológico tentando desfigurar qualquer poética, uma palavra que subitamente surde no horizonte da língua frágil por não dizer todas as possibilidades nela contidas. Depois do dito e do não-dito nada mais nos resta que voltar atrás, o rasto perdido, a aventura desfeita no que apenas subsiste de memória, de memória de outra coisa que possivelmente nunca existiu nem existe porque nunca existirá. Depois só nos resta soletrar a tentativa sem mais nada, este nada acabado no seu começo como um princípio de uma filosofia que não busca intuir o que perde nas suas malhas.

9-2-2002

NÃO POSSO SAIR DAQUI

Não posso sair daqui. Só aqui há sanidade,
só aqui a consciência se lança sobre a língua
como tinta sobre uma superfície branca.
Não posso sair daqui. Resta-me respirar
cada momento que passa como o momento
da passagem, esta aragem que sacode o ar
e deixa quem vive com a sensação esquisita
de que uma outra coisa acontece quando
se tece com palavras uma realidade real.
Não posso sair daqui. Mas já o cansaço
avança com suas dores e suas lamúrias,
dói o corpo por durante tanto tempo ser
língua no apogeu do seu desgaste: viver
tem o seu quê, fazê-lo explodir é a função
de quem escreve até poder descobrir seu
o mistério de uma outra coisa inefável.

9-2-2002